UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO – PPGDC
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

**ANALINE BADOTTI BATISTA**

# BILINGUISMO ADITIVO: UM ESTUDO DE CASO DE PARENTALIDADE BILÍNGUE EM SEGUNDA LÍNGUA EM UMA FAMÍLIA DE CURITIBA – PR

IRATI/PR
2021

**ANALINE BADOTTI BATISTA**

# BILINGUISMO ADITIVO: UM ESTUDO DE CASO DE PARENTALIDADE BILÍNGUE EM SEGUNDA LÍNGUA EM UMA FAMÍLIA DE CURITIBA – PR

Dissertação desenvolvida como requisito para obtenção do grau de mestre do curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração em Desenvolvimento Comunitário, linha de pesquisa em Bilinguismo, do laboratório de Psicologia do Bilinguismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Orientador: Prof. Dr. Plínio Marco de Toni

IRATI/PR

2021

Catalogação na Publicação
Rede de Bibliotecas da Unicentro

B333b

Batista, Analine Badotti
Bilinguismo aditivo: um estudo de caso de parentalidade bilíngue em segunda língua em uma família de Curitiba – PR / Analine Badotti Batista. – – Irati, 2021.
ix, 121 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário. Área de concentração em Desenvolvimento Comunitário, linha de pesquisa em Bilinguismo 2021.

Orientador: Plínio Marco de Toni
Banca examinadora: Plínio Marco de Toni, Kátia Alexsandra dos Santos, Chistine Jernigan
Bibliografia

1. Bilinguilismo aditivo. 2. Parentalidade bilíngue. 3. Política Linguística Familiar. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário.

CDD 418.04

# Universidade Estadual do Centro-Oeste

Reconhecida pelo Decreto Estadual nº 3.444, de 8 de agosto de 1997

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR**
**EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**


## TERMO DE APROVAÇÃO

**ANALINE BADOTTI BATISTA**

**"BILINGUISMO ADITIVO: UM ESTUDO DE CASO DE PARENTALIDADE BILÍNGUE EM SEGUNDA LÍNGUA EM UMA FAMÍLIA DE CURITIBA – PR"**

Dissertação aprovada em 04 de outubro de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte banca examinadora:

Dr. Plinio Marco de Toni (UNICENTRO) – Orientador

Dr.ª Katia Alexsandra dos Santos (UNICENTRO) – Examinadora Interna

Dr.ª Chistine Jernigan (UFPR) – Examinadora Externa

Irati, 28 de março de 2022

**À minha família.**

**AGRADECIMENTOS**

À família participante que se prontificou a responder os questionários e entrevistas e também ser acompanhada durante os meses da pesquisa. Sem a sua colaboração, a realização desta pesquisa não teria sido possível.

Ao Professor Dr. Plínio Marco de Toni, meu orientador, pela paciência em realizar as leituras dos meus textos e ter acreditado que a realização desta pesquisa seria possível.

À Professora Dra. Kátia Alexsandra dos Santos e à Professora Dra. Christine Jernigan, pelas valiosas contribuições que realizaram em minha banca de qualificação.

À minha amiga Ivelã, por sempre ter me incentivado e contribuído grandemente para a adequação do meu trabalho e por me emprestar seus ouvidos para os desabafos.

À Professora. Dra. Alayde Maria Pinto Digiovanni pela amizade, pelas proveitosas discussões e por ter me acompanhado, ainda que de longe.

Aos meus pais Jose Alberi Batista, Simone Badotti Batista e minha irmã Isabelle Badotti Batista, que nunca deixaram de acreditar em mim, pelo seu carinho, amor, incentivo dedicação e esforços para que eu chegasse até aqui.

Ao meu querido e fiel companheiro Ivanê Pereira, por ter me acompanhado do início ao fim desta jornada, com tanto carinho.

Às minhas grandes amigas Débora Neuls, Bruna Strappazzon e Karina Boska por estarem do meu lado me dando forças para continuar.

"Não existe imparcialidade, todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base ideológica é inclusiva ou excludente?" (Paulo Freire)

## RESUMO

Esta pesquisa trata sobre bilinguismo aditivo, mais especificamente acerca de um caso de parentalidade bilíngue não nativa em uma família de Curitiba – PR. O objetivo geral consistiu em analisar a política linguística familiar de uma família brasileira a partir da introdução da metodologia "OPOL" como estratégia de introdução ao bilinguismo aditivo português-inglês. Para tanto, o embasamento teórico, no campo da teoria da Psicologia, está alicerçado essencialmente em: King (2006), Sauders (1988), Baker (1995), King, Logan-Terry (2008), Houwer (2011) e Döpke (1998). A metodologia de pesquisa é de caráter qualitativo e consiste num estudo de caso em que o pai, 51 anos (Pai) e a filha, 13 anos (Filha), foram entrevistados periodicamente por meio de um questionário semiestruturado. Os resultados revelam que a prática da segunda língua no ambiente familiar é possível e que com acompanhamento as chances de frustrações e desistências podem diminuir. A partir disso, pretende-se contribuir para a disseminação de conhecimento científico a respeito da metodologia OPOL em famílias que desejam proporcionar a aprendizagem do segundo idioma no ambiente familiar.



**Palavras-chave:** Bilinguilismo aditivo. Parentalidade bilíngue. Política Linguística Familiar.

**ABSTRACT**

This research is about additive bilingualism, more specifically about a case of n native bilingual parenting in a family in Curitiba – PR. The general objective was to analyze the family linguistic policy of a Brazilian family from the introduction of the "OPOL" methodology as a strategy for introducing Portuguese-English additive bilingualism. Therefore, the theoretical foundation, in the field of Psychology theory, is essentially based on: King (2006), Sauders (1988), Baker (1995), King, Logan-Terry (2008), Houwer (2011) and Döpke (1998). The research methodology is qualitative in nature and consists of a "case study" in which the father, 51 years old (subject 1) and the daughter, 13 years old (subject 2), were periodically interviewed through a semi-structured questionnaire. The results reveal that, in addition to being possible to develop a second language in the family environment, it is noted the relevance of considering the narratives presented by the subjects, as well as their historical-social conditions that constitute them. From this, it intends to contribute to the dissemination of scientific knowledge about the OPOL methodology in families who wish to provide second language learning in the family environment.

**Keywords:** Additive bilingualism. Bilingual parenting. Family Language Policy.

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1 –** Categorização dos dados coletados.....49

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO**.....10
**2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**.....15
2.1 CONCEITO DE BILINGUISMO.....15
**2.1.1 Diferentes visões sobre o bilinguismo**.....16
2.2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E BILINGUISMO.....18
2.3 VANTAGENS DE SER UM INDIVÍDUO BILÍNGUE.....21
**2.3.1 Diferentes contextos em que a segunda língua é utilizada**.....22
2.4 PARENTALIDADE BILÍNGUE EM SEGUNDA LÍNGUA.....24
2.5 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES (PLF).....27
2.6 PLF E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO.....31
**2.6.1 (One Parent – One Language – OPOL)**.....32
**3 METODOLOGIA DE PESQUISA**.....42
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....42
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DE PESQUISA.....42
3.3 OBJETIVOS 44
**3.3.1 Objetivo Geral**.....44
**3.3.2 Objetivo Específicos**.....44
3.4 COLETA DE DADOS.....44
3.5 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....45
3.6 MÉTODO DE ANÁLISE.....45
**4 ANÁLISE DE CONTEÚDO**.....45
4.1 ANÁLISE DOS DADOS.....65
4.1.2 **Motivações e esforços**.....65
4.1.3 **Políticas Linguisticas Familiares e One-Parent-One-Language**.....70
4.1.4 **Afeto e Aprendizagem da segunda língua**.....75
**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....77
**6 REFERÊNCIAS**.....81
**7 ANEXOS**.....89
7.1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....89
7.2 TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE (MAIORES DE 6 ANOS E MENORES DE 18 ANOS).....92
7.3 PARECER COSUBSTANCIADO PELO CEP .....94

7.4 QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....98
7.5 QUESTIONÁRIO DE APOIO 1.....99
7.6 QUESTIONÁRIO DE APOIO 2.....100
7.7 TRANSCRIÇÕES ENTREVISTAS.....101

# 1 INTRODUÇÃO

Considerando o contexto plurilíngue no Brasil, os estudos sobre bilinguilismo (e plurilinguismo) são essenciais para que se mapeie de que modo outras línguas, para além das oficiais neste país – português e LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) – se mantêm e são usadas em diferentes espaços sociais, a despeito de sua não oficialização.

Neste contexto, esta pesquisa[1] se enquadra nos estudos das Políticas Linguísticas Familiares (KING, FOGLE, LOGANTERRY, 2008; SPOLSKY, 2004, 2012) e do bilinguismo (ZIMMER, FINGER, LILIAN, 2008; GROSJEAN, 1982; GROSJEAN, BRITO DE MELLO, KAREN REES, 2017; SAUNDERS, 1988; BAKER, 1995), focalizando a temática do bilinguismo aditivo, a partir de um estudo de caso de parentalidade bilíngue não nativa em uma família, realizado na cidade de Curitiba –PR, entre os meses junho de 2019 e agosto de 2021.

O objetivo geral consistiu em analisar a política linguística familiar de uma família brasileira a partir da prática da metodologia OPOL[2] como estratégia de introdução ao bilinguismo aditivo português-inglês.

Para isso, foi feito o acompanhamento periódico da família participante pelo período de 26 (vinte e seis) meses: num primeiro momento, semanalmente, e, depois, mensalmente. Os contatos foram realizados através do aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*[3], o qual possibilitou a execução do acompanhamento. Preferiu-se que o roteiro de entrevista fosse semiestruturado (cf. Anexos), tendo em vista a flexibilidade que este modelo é capaz de oferecer.

Já quanto aos objetivos específicos, ficaram assim configurados:

i. Levantar as motivações na escolha de proporcionar o aprendizado bilíngue no ambiente familiar;
ii. Descrever as Políticas Linguísticas Familiares utilizadas pelos sujeitos de pesquisa;

1 Esta pesquisa segue todos os encaminhamentos do comitê de ética da Unicentro, registrada na plataforma Brasil sob o número 4.450.327.
2 A abreviatura se refere à expressão do inglês “One Parent – One Language”.
3 Esta pesquisa iniciou-se antes da pandemia no Brasil (cujo estopim foi em março de 2019), mas, antes mesmo desse ocorrido de tamanha magnitude, que impediu encontros presenciais forçosamente, já havíamos optado por desenvolver a pesquisa mediante o uso de *WhatsApp*.

iii. Aplicar a metodologia *One Parent – One Language* (OPOL) como estratégia de promoção do bilinguismo; e
iv. Averiguar a possível existência de mitos e preconceitos relacionados a indivíduos bilíngues e suas escolhas de praticar um idioma minoritário[4].

Para cada um dos objetivos específicos já elencados, foram sistematizadas hipóteses de pesquisa, a partir das quais pretendemos verificar, após os resultados, se podem ser confirmadas ou não. Assim, em relação ao primeiro objetivo, hipotetizamos que as motivações que levam à escolha de oferecer aos filhos o aprendizado da segunda língua se relacionam com a ideia de que a proficiência em línguas é essencial para o alcance do sucesso profissional e pessoal (BIANCHETTI apud ARANHA, 2006). Além de tal suposição, as motivações podem dizer respeito também ao desejo das línguas minoritárias continuarem sendo transmitidas de geração em geração (transmissão geracional).

No que se refere ao segundo objetivo, a hipótese seria de que as práticas linguísticas familiares podem gerar frustrações àqueles que a implementam sem qualquer suporte técnico. A intenção dos pesquisadores, pois, foi a de tornar a prática mais viável se for do desejo dos participantes. Sendo assim, ao serem averiguadas práticas que conduzem a resultados indesejados, buscar-se-á promover estratégias adequadas com o intuito dos sujeitos de pesquisa (BAKER, 1995).

Sobre o terceiro objetivo específico, acreditamos que a estratégia denominada "OPOL" oferece direcionamentos práticos e eficazes para as famílias que almejam oportunizar a introdução dos filhos a uma cultura estrangeira. Ademais, para que os cuidadores[5] se sintam encorajados a persistir no ensinamento de outra língua, é necessário que eles recebam suporte de como fazer, pois, sabendo das dificuldades que enfrentaram, as chances de saberem como lidar com elas de maneira mais confiante aumentam (SAUNDERS, 1988).

Pertinentemente ao quarto objetivo, hipotetizamos que cuidadores que optam por ensinar os filhos uma língua estrangeira podem ser alvos de

4 O conceito de "idioma minoritário" será devidamente explicitado no capítulo de pressupostos teóricos.
5 "Cuidadores aqueles que não são os pais biológicos mas que prestam cuidados às crianças.

preconceitos, tendo em vista os mitos a respeito da aquisição de um segundo idioma, tanto na vida adulta, mas, principalmente, durante o desenvolvimento infantil. Tais dificuldades podem afetar questões de autoidentidade, de relacionamento social, dentre outras situações de exclusão, no caso de línguas de herança que não possuem o desprestígio histórico e social (ALTENHOFEN, 2004; SCHNEIDER, 2007).

Tendo delimitado esses objetivos e respectivas hipóteses, nossa pesquisa se justifica pelo fato de trazer informações e resultados sobre bilinguismo bastante específicos relativos a um estudo de caso, mas que podem produzir direcionamentos para estudos da área da Política Familiar Linguística e Ideologias Linguísticas, de modo a contribuir para a consolidação das pesquisas que se dedicam a analisar crenças das pessoas a respeito das línguas, o que elas fazem com as línguas e o que elas procuram fazer para alterá-las.

Além disso, as crenças familiares sobre línguas específicas, suas relações com as línguas e suas percepções sobre vantagens e desvantagens influenciam na prática do bilinguismo em casa. A partir disso, pretende-se contribuir para a disseminação de conhecimento científico a respeito da metodologia “OPOL” em famílias que desejam proporcionar a aprendizagem do segundo idioma no ambiente familiar.

Partindo dos estudos do Bilinguismo, tomamos como base teórica os autores BLOOMFIELD, 1933; GROSJEAN, 1982; SAUNDERS, 1988; BAKER, 1995, que não definem o bilinguismo apenas de uma maneira, já que, para Bloomfield (1933), o bilinguismo é o resultado da adição perfeitamente correta de mais uma língua.

Conforme Haugen (1953), o indivíduo considerado bilíngue é aquele que consegue produzir enunciados completos e significativos na outra língua. Já para Grosjean (1982), bilíngues não são monolíngues completos, pois indivíduos bilíngues possuem uma configuração de linguagem específica.

Nesta pesquisa, compreendemos indivíduos bilíngues como aqueles que têm capacidade de desempenhar, de forma natural, as atividades que demandam o uso do segundo idioma.

Há algum tempo, a população acreditava que o bilinguismo infantil poderia prejudicar o pleno desenvolvimento cognitivo das crianças e, por este

motivo, muitos imigrantes passaram a reprimir suas línguas nativas como maneira de proteção contra os “males” causados pelo bilinguismo. Existem muitas falácias sobre crianças que aprendem uma segunda língua, o que acaba por desmotivar os pais e cuidadores a falar outra língua em casa com seus filhos, ou mesmo colocá-los em escolas de idioma (SAUNDERS, 1988).

Para que a família se sinta confortável para introduzir outra língua, que não a falada pela maioria das pessoas que elas conhecem, os cuidadores precisam oferecer conforto e incentivo às suas crianças. Neste sentido, os pais também necessitam de atenção e suporte tendo em vista que suas ideologias e atitudes em relação às línguas também podem influenciar as percepções dos filhos.

O campo de estudo da Política Linguística Familiar, principalmente políticas linguísticas familiares, pode ser um campo fértil para a compreensão do planejamento referente ao uso das línguas no ambiente da família nuclear. Dessa maneira, considerando o foco dos estudos da Política Familiar Linguística, os estudiosos do tema procuram examinar como tem sido o gerenciamento de mais de um idioma no contexto familiar, quais os planos de Política Familiar Linguística que proporcionam a maior adesão à prática do bilinguismo em casa e quais são os desafios encontrados na implementação de tais Políticas (M’ETRAUX, 1965; SPOLSKY, 2004; KING, FOGLE, 2013)

A abordagem *One-Parent – One Language* (OPOL*)* envolve a prática de duas ou mais línguas em que o objetivo, além de proporcionar o aprendizado de idiomas diferentes no ambiente familiar, é de que os filhos possam associar cada um dos idiomas aos cuidadores correspondentes e se desenvolvam integralmente. De acordo com os estudos com famílias que seguiram o princípio OPOL, foi uma experiência geralmente gratificante para todos os membros. (RONJAT, 1913; SAUNDERS, 1988; BAKER, 1995, BARRON-HAUWAERT, 2004)

Expostos esses pontos principais, este texto está dividido em cinco capítulos, com suas respectivas seções e subseções. Para além da *Introdução* – o primeiro capítulo é referente aos pressupostos teóricos de pesquisa, traçando uma discussão sobre os conceitos de Bilinguismo, Política Familiar Linguística (PFL) e *One Parent – One Language* (OPOL).

Já o terceiro capítulo – *Metodologia de pesquisa* – consiste na apresentação do método de pesquisa, retomando, com mais profundidade, os objetivos aqui já elencados e descrevendo o passo a passo de pesquisa do estudo de caso.

O quarto capítulo – *Análise de dados: núcleos de significações* –, por sua vez, traz os resultados de pesquisa e a sua respectiva análise, em diálogo com os autores que fundamentam esta pesquisa, a partir do viés de análise acerca de núcleos de significações.

Por fim, as *Considerações finais* – retoma alguns resultados principais, recupera as hipóteses, de maneira a verificar se foram atestadas e traz apresentação das limitações da pesquisa, possibilitando ao leitor um olhar mais profundo e crítico ao trabalho elaborado.

# 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 2.1 CONCEITO DE BILINGUISMO

As definições de bilinguismo presentes na literatura indicam que não há uma explicação consensual entre os estudiosos, e a justificativa para a discordância consiste no fato de existirem muitas variáveis que tangem ao conceito. As primeiras definições do termo restringiam bilinguismo a habilidade de produzir sentenças com sentido também na segunda língua (WEINREICH, 1953; HAUGEN, 1953). Bloomfield (1933), e outros autores, declaravam que o bilinguismo é resultado da adição de um conhecimento perfeito de uma língua estrangeira.

Atualmente, sabe-se a relevância de considerar o contexto em que ocorreu a aquisição da segunda língua, ou seja, se foi adquirida voluntariamente em um ambiente social conhecido, ou em casos em que aprender outra língua foi uma necessidade, como pode acontecer com imigrantes, constitui-se em uma das variáveis.

Outra variável a ser destacada é o contexto cultural, social e linguístico em que ocorre a aquisição de outra língua, como, por exemplo, nos casos em que se procura a aprendizagem da segunda língua em um ambiente formal, como em escolas de idioma (BIALYSTOK et al, 2009).

Zimmer, Finger e Scherer (2008) corroboram com os apontamentos de Roseli et al. (2017) ao afirmarem que existem muitas variáveis que permeiam a definição de bilinguismo, assim como o grau de proficiência dos falantes. Consideram que fatores como o nível de formalidade do ambiente, condições psicológicas e físicas, e a relação de convivência e intimidade entre os interlocutores constituem algumas das variáveis.

Neste estudo, utilizar-se-á o termo “bilinguismo” para se referir aos indivíduos falantes de duas línguas em suas vidas diárias, seja em decorrência de situações específicas em que o uso da segunda língua é demandado, ou em contextos de migração.

Lambert, citado por Butler e Hakuta (2004), diferenciou o bilinguismo *aditivo* e o *subtrativo*. De acordo com o autor, o *bilinguismo aditivo* é aquele no qual a segunda língua passa a ser adquirida, sem que a primeira sofra

prejuízos de proficiência; já o *bilinguismo subtrativo* é aquele em que a primeira língua perde proficiência em detrimento da segunda. Para os autores, as línguas aprendidas pelo indivíduo devem ter valor para a sociedade em que ele está inserido, para que possa manter tanto a primeira quanto a segunda língua.

Para Mackey (1972), o bilinguismo é um padrão de comportamento de prática linguísticas que se modificam mutuamente e que variam em função (interna e externa), alternação, interferência e grau. O grau do bilinguismo é o conceito que se refere à habilidade do bilíngue no uso de cada uma das línguas.

A função é o uso que o indivíduo bilíngue faz da língua e em quais condições ele recorre a ela. Dessa maneira, existe a função interna e a externa, sendo que a primeira diz respeito ao uso individual, como, por exemplo, rezar, blasfemar, cantar, sonhar e escrever, segundo Mackey (1972).

Já a segunda função, a *externa*, refere-se ao número de áreas em que o indivíduo fará uso da língua e onde ele a adquiriu, como escola, comunidade, ambiente familiar. Também diz respeito à *frequência* e à *variação*, sendo que a frequência torna-se importante quando o tempo em que o indivíduo faz uso da segunda língua é significante.

A *variação* corresponde à influência de cada meio de contato em que o indivíduo bilíngue está sujeito. Por fim, a *pressão* se configura como outro comportamento de pratica linguística, já que, em cada ambiente, o indivíduo poderá sofrer pressões diferentes no uso de uma língua ou outra, podendo-se citar como tal como políticas, demográficas, culturais, históricas, religiosas e econômicas. (MACKEY, 1972, apud BERGAMASCHI, 2006). Na atualidade, qualquer discussão acerca da definição de bilinguismo não deve desconsiderar o contexto específico e as finalidades ao fazer uso de uma segunda língua.

### 2.1.1 Diferentes visões sobre o bilinguismo

O cenário foi se modificando ao longo dos anos e o que antes era considerado prejudicial e alvo de muitas críticas, atualmente é considerado como uma oportunidade de desenvolvimento cognitivo e ampliação dos horizontes do mercado de trabalho. A ampliação do conhecimento referente aos efeitos positivos e vantagens que o bilinguismo pode proporcionar motivou a busca cada vez mais crescente pela educação bilíngue.

De acordo com Kindle e Fogle (2006, p. 700), os pais passaram a ver a educação bilíngue como uma excelente oportunidade para manter os laços culturais e, além disso, aumentar a oportunidade de se inserir no mercado de trabalho.

Por muito tempo o bilinguismo aditivo foi visto como uma oportunidade apenas para pessoas da elite, todavia, de acordo com os dados da pesquisa de Kingle e Fogle (2006), o bilinguismo aditivo não é mais algo restrito apenas às famílias de classe alta. Não apenas o sistema educacional público e educação particular e escolas de idioma se dedicam a oferecer o aprendizado da segunda língua.

Atualmente, indivíduos que têm a intenção de conhecer uma segunda língua podem acessar plataformas para estudar outra língua gratuitamente, em dispositivos móveis que permitem o uso de aplicativos educacionais (MESQUITA, 2018).

> [...] a procura por aprender inglês tem aumentado e, consequentemente, a oferta de cursos que podem ser ofertados presencialmente ou a distância. Uma miríade de cursos de língua inglesa on-line é ofertada gratuitamente. E, com a evolução da tecnologia móvel dos aparelhos celulares (smartphones), um número grande de aplicativos para a aprendizagem de línguas foi disponibilizado em lojas virtuais. (MESQUITA, 2018, p. 10).

Hoffman (1985) defende que existem diferenças entre a aquisição da segunda língua entre o ambiente interno e externo, como por exemplo o ambiente familiar *versus* o ambiente escolar.

Em alguns casos, indivíduos podem se tornar bilíngues ao serem ensinados pelos próprios pais ou cuidadores. Segundo Houwer (1999), a partir do momento em que existem dois idiomas na interação pais e filhos, a criança tem chances de se tornar bilíngue. Entretanto, Sir'en (1991) afirmou que se o pai ou a mãe escolhe falar dois idiomas com a criança, as chances de a criança se tornar bilíngue diminuem. Ou seja, as chances são maiores quando um dos pais fala apenas uma língua.

## 2.2. Aspectos cognitivos relacionados ao bilinguismo

Grosjean (2008) afirma que a competência do bilíngue não é uma simples soma das competências nos códigos individuais (dois monolíngues em um). É, sobretudo, competente em um sistema complexo de componentes lexicais, morfossintáticos, semânticos e de vocabulário.

Dessa maneira, de acordo com Cook (2003), indivíduos bilíngues apresentam um sistema linguístico mais complexo, além de fazerem uso dos idiomas com intenções diferentes dos monolíngues.

Antoniou (2019), citando Diamond (2010), afirma que o bilinguismo possibilita muitas vantagens, já que os indivíduos bilíngues tornam-se capazes de ampliar o seu círculo social, pois se comunicam com maior número de pessoas, o que pode propiciar maiores oportunidades de emprego, além de ter um acesso facilitado a carreiras que envolvem o uso de vários idiomas, acesso a informações advindas de estudos científicos de outros países, bem como maior consideração por costumes e culturas diferentes da sua.

As vantagens de ser bilíngue ressoam também nas funções executivas, além de influenciarem na consciência metalinguística, na percepção fonética, flexibilidade cognitiva, pensamento criativo, e até mesmo atraso no início de sintomas demenciais. (ANTONIOU et al, 2015; BIALYSTOL et al., 2004, 2007; CUMMINS, 1978).

As funções executivas são descritas como processos cognitivos superiores responsáveis por controlar comportamentos que visam a atingir um objetivo. Dessa forma, trata-se de uma habilidade cognitiva de planejamento e execução de uma atividade, capaz de ignorar estímulos irrelevantes para focar na tarefa executada no momento. A maturação cognitiva e os efeitos adversos da idade faz com que as funções executivas se modifiquem ao longo do tempo (DEMPSTER 1992). O constante monitoramento, inibição, planejamento e seleção são aspectos corriqueiros e essenciais no cotidiano de bilíngues, mais do que em indivíduos monolíngues (ANTONIOU, 2019).

Em testes que medem as habilidades das funções executivas e atenção, como, por exemplo, Simon Task, foram observadas vantagens em crianças (BARAC et al., 2014; MARTIN RHEE, BIALYSTOK, 2008; POARCH, VAN HELL, 2012; TSE, ALTARRIBA, 2014, KAPA, COLOMBO, 2013 apud ANTONIOU, 2019). Os resultados indicam que as crianças bilíngues apresentam melhor funcionamento executivo em comparação com seus pares

monolíngues.

De acordo com Brito e Barr (2012), as vantagens bilíngues foram observadas em crianças de 18 meses, as quais apresentaram memória generalizada. Outra vantagem diz respeito à mudança de atenção em bebês pré-verbais, de aproximadamente sete meses, em atividades de rastreamento ocular (KOV´ACS E MEHLER, 2009). Sendo assim, tais pesquisas defendem que a prática bilíngue pode alterar a cognição antes mesmo que as crianças possam desenvolver a capacidade de formar palavras.

Segundo Parl et. al. (2002), citado por Antoniou (2019), os estudos envolvendo as vantagens bilíngues no funcionamento executivo indicam que a presença dos efeitos positivos varia ao longo da vida, sendo que as vantagens podem ser detectadas de forma mais confiável na infância. Os impactos do bilinguismo nas funções executivas atingem o pico durante a idade jovem adulta e tendem a diminuir com o passar do tempo.

De acordo com Schweizer, et al. (2012), o cérebro de indivíduos bilíngues não sofre a mesma deterioração neural que monolíngues. Essencialmente, indivíduos bilíngues não exibiram sintomas comportamentais associados ao quadro de Alzheimer (KOWOLL et al., 2016).

De acordo com estudos de Bialystok et al. (2007), bilíngues podem ser diagnosticados com demência quatro anos mais tarde do que monolíngues. Em comparação com analfabetos, a vantagem aumentou para seis anos.

Sendo assim, tais pesquisas corroboram com a ideia de que o bilinguismo retarda a incidência de demência, além de interagir com outras variáveis para determinar a magnitude do benefício cognitivo.

Além disso, a oportunidade de participar de ensino de outras línguas durante a infância e adolescência, até os 18 anos, foi associada a um menor risco de desenvolver comprometimento cognitivo leve na velhice, como aponta Wilson et al. (2015).

Estudos mostraram que idosos bilíngues superaram seus pares monolíngues em tarefas que demandavam das funções cognitivas. Portanto, é evidente os benefícios de se adquirir uma segunda língua, tanto para as funções executivas em crianças quanto para idosos no que diz respeito a demências, já que o bilinguismo pode promover o envelhecimento cognitivo saudável de forma global (ANTONIOU, 2019).

## 2.3 VANTAGENS DE SER UM INDIVÍDUO BILÍNGUE

Além dos elementos apontados anteriormente, Baker (1995) afirma que um indivíduo bilíngue tem a oportunidade de se comunicar com um maior número de pessoas, se comparado a um indivíduo monolíngue, quando tem a chance de realizar viagens internacionais, ou ainda quando tem vizinhos estrangeiros. Ele declara que "o bilinguismo oferece oportunidade de experimentar duas ou mais culturas" (BAKER,1995, p. 10).

Cada idioma possui sistemas de comportamento que se diferenciam, sendo que todos eles terão ditados populares, histórias, tradições, formas de encontro e saudação, rituais de nascimento, casamento e morte, formas de conversar, arte, música, formas de entretenimento, tradições religiosas, formas de compreender e interpretar o mundo, ideias e crenças, formas de pensar e beber, chorar e amar, comer e cuidar, formas de brincar e de luto próprios. Dessa maneira, o indivíduo bilíngue tem uma chance maior de penetrar ativamente em duas ou mais culturas linguísticas, de acordo com Baker (1995).

Além disso, a pessoa bilíngue poderá dialogar e até constituir uma ponta entre gerações, nos casos em que familiares usam o idioma aprendido pelo bilíngue. A criança ou adulto bilíngues podem, assim, experimentar a sensação de pertencimento inserida na família que utiliza outra língua.

Uma pessoa que conhece e faz parte da cultura linguística de mais de um idioma pode obter maiores vantagens na busca por uma colocação no mercado de trabalho, já que, dependendo da área, como por exemplo em multinacionais, torna-se imprescindível e um pré-requisito comunicar-se com pessoas estrangeiras. Ademais, bilíngues podem romper com a barreira entre nações, já que possuem a ferramenta essencial para a comunicação entre diferentes etnias: o conhecimento de outro sistema linguístico (BAKER, 1995).

É possível afirmar que, além das vantagens sociais, culturais, de relacionamento pessoal e de comunicação, pesquisas anteriormente citadas, como as de Bialystok (2007), Brito e Barr (2012) e Schweizer, et al. (2012), apontaram que os bilíngues apresentam benefícios relacionados ao vocabulário, pois, de acordo com Baker (1995), crianças bilíngues conhecem duas ou mais palavras para designar o mesmo objeto ou ideia, sendo assim, apresentariam pensamentos mais flexíveis, já que as palavras correspondes

em idioma diferente possuem conotações diferentes. Para ele, o indivíduo bilíngue é “capaz de se mover entre dois idiomas pode levar a uma maior consciência do idioma e maior sensibilidade na comunicação” (BAKER, 1995, p. 12).

O autor exemplifica tal posição declarando que *kitchen*, em inglês, é tradicionalmente um local de trabalho árduo, no entanto, *cuisine*, em francês, apresenta uma conotação diferente. De acordo com o autor, o conceito francês de *cuisine* se difere do significado apresentado na língua inglesa, já que, para os franceses, o termo refere-se a um local em que a família confraterniza, além de se reunir para comer (BAKER, 1995).

Outro benefício de adquirir uma segunda língua diz respeito à oportunidade de se comunicar com as pessoas do convívio diário, incluindo colegas de trabalho, familiares e amigos. Em qualquer um destes contextos, os integrantes do grupo tendem a desenvolver uma relação de maior proximidade, tendo em vista que podem buscar, juntos, realizar atividades que explorem e envolvam a segunda língua.

### 2.3.1 Diferentes contextos em que a segunda língua é utilizada

Na mesma direção, Grosjean (1985, 1997) afirma que bilíngues utilizam cada uma de suas línguas em diferentes contextos e, ao se comunicarem com diferentes interlocutores, isto é, o uso da linguagem por um indivíduo falante de duas línguas é subordinado a um contexto específico. De acordo com Harrison, Bellin e Piette (1981), alguns bilíngues utilizam a segunda língua por sentirem-se mais pressionados dentro do contexto ambiental em que a família estava inserida. Em suas pesquisas, os autores acompanharam uma família residente no pais de Gales que, apesar de dominar o galês, utilizava apenas a língua inglesa por pressão da comunidade em que morava.

Em outros casos, de acordo com M’etraux (1965), o grau de bilinguismo varia dependendo de oportunidade de usar os dois idiomas e da idade da criança. É possível encontrar também variação na prática dos pais. Enquanto alguns pais tinham planos definidos para seus filhos tornarem-se bilíngues, outros não tinham nenhuma forma de planejamento.

Conforme Kingle e Fogle (2008), políticas linguísticas familiares podem causar efeitos emocionais, psicológicos e linguísticos tanto nos filhos como nos

pais. Desta forma, as políticas linguísticas familiares merecem pesquisas aprofundadas.

De acordo com Saunders (1988) e Szramek-Karcz (2016), anteriormente, a educação bilíngue era vista como prejudicial para o desenvolvimento cognitivo da criança. Por muitos anos, a experiência bilíngue em crianças foi duramente criticada pelo meio social em que os falantes estavam inseridos, e, em muitas situações, acabavam reprimindo seu idioma nativo nos casos de imigração.

Saunders (1988) relata que é possível preservar a língua nativa quando as famílias de imigrantes se instalam em locais em que a língua de origem é compartilhada por muitos membros da comunidade. Entretanto, é possível encontrar obstáculos em situações em que a vizinhança não fala a língua do imigrante, o que exige esforço do estrangeiro para manter em uso a sua língua nativa.

Nesse sentido, o autor afirma que “uma atitude hostil em relação ao bilinguismo, ou mesmo tentativas de reprimir o idioma minoritário pode fazer com que seus falantes passem a usar apenas o idioma majoritário” (SAUNDERS, 1988, p. 3).

Sendo assim, compreende-se que o falante da primeira língua constrói sua identidade social e cria laços com a comunidade da qual participa. Dessa forma, os indivíduos podem atribuir novos significados em relação à sua língua e ao social. A prática do bilinguismo pode ser considerada uma estratégia para o fortalecimento dos laços culturais que o indivíduo estabelece com os falantes da segunda língua.

## 2.4 PARENTALIDADE BILÍNGUE EM SEGUNDA LÍNGUA

*Parentalidade bilíngue* em segunda língua é o termo utilizado nos casos em que os pais escolhem uma língua para falar de maneira mais natural possível com os filhos. De acordo com Szramek-Karcz (2016), este tipo de ensino da segunda língua se difere dos casos de imigração ou dos casos em que a língua materna é vista como menos importante.

Neste caso, a educação bilíngue é realizada pelos pais, sendo que nenhum deles é nativo da língua a ser ensinada. A parentalidade bilíngue em segunda língua pode ser executada por um dos cuidadores da criança, aquele

que ficará responsável por utilizar o segundo idioma na educação da criança e vai em busca de métodos mais adequados e saudáveis para a prática.

Segundo Szramek-Karcz (2016) a parentalidade bilíngue em segunda língua pode ser considerado um fenômeno sociológico, tendo em vista que não apenas fatores internos do comportamento humano estão envolvidos, mas também fatores situacionais. Os fatores situacionais estão ligados ao fato de que a experiência acontece dentro do ambiente familiar, com um grupo de pessoas envolvidas na educação bilíngue da criança. Ademais, o meio social também pode interferir em diferentes graus na aquisição da segunda língua.

Os motivos que levam uma família a implementar a educação bilíngue são muitos, dentre elas, a consciência da importância do conhecimento e apreciação de uma outra cultura e suas características particulares. Saunders (1988, p. 30) afirma que o desejo de ensinar outra língua aos filhos tem raízes nas mesmas vontades de que o filho aprenda a tocar um instrumento musical ou apreciar uma música. Em outros casos, os pais podem ter planos de mudança para o país em que o idioma ensinado é utilizado. Alguns pais ensinam o segundo idioma para seus filhos com a intenção de ter alguém para conversar naturalmente utilizando a segunda língua. Saunders (1988, p. 31) defende que uma criança dificilmente apresentaria inibições, mas consideraria natural falar a segunda língua com um cuidador desde que sempre se comuniquem desta forma.

Assim como Saunders (1988), outro pesquisador também observou o desenvolvimento bilíngue de seu próprio filho. Fantini (1985) fez uso de gravações de áudio para registrar detalhes das políticas linguísticas familiares. Ao final de sua experiência o autor concluiu que não existem grandes diferenças entre a educação monolíngue e a bilíngue, isto é, os fatores sociais e ambientais seriam de grande importância para o desenvolvimento da educação bilíngue em casa.

A abordagem *OPOL* envolve duas ou mais línguas que estão ligadas a determinadas pessoas em particular. Ocorre quando os pais de uma criança optam por se dirigir a criança utilizando línguas diferentes. O objetivo desta abordagem é que a criança associe cada um dos idiomas a uma das pessoas e desenvolva ambos idiomas (DOPKE, 1998). Para Dopke (1998), a aprendizagem de uma língua influencia a aquisição de outra.

Lanza (1992) foi outra pesquisadora que se dedicou a observar questões relacionadas ao bilinguismo. Após investigações concluiu que crianças inseridas num contexto familiar em que três línguas eram utilizadas, demonstraram autonomia na escolha da linguagem durante as interações, destacando a liberdade da criança em se expressar utilizando o idioma que se sente mais à vontade.

Além disso, D¨opke (1988) e Lanza (1992) analisaram as técnicas de ensino utilizada pelos pais com crianças expostas ao método *OPOL* e concluíram que o modo como os pais respondem aos filhos pode influenciar o desenvolvimento linguístico das crianças. Sobre isso, Lanza (1997) apud Juan-Garau; Vidal (2000, p. 61) afirma que:

> Os pais podem negociar um contexto de interação monolíngue ou bilíngue com os filhos. Podem se apresentar aos filhos como falantes monolíngues, conduzindo a criança à escolha do idioma condizente do pai. Os pais podem fingir que não compreendem o que os filhos estão dizendo caso utilizem outro idioma. Por outro lado, podem mostrar sua identidade bilíngue e aceitar ser abordado nos dois idiomas.

Para os autores, a partir de dois anos de idade, a criança já é capaz de observar e alterar suas declarações quando um adulto solicita, sendo assim, podem adequar suas falas de acordo com o que for mais apropriado no momento da conversa. McTear (1985) chama tal estratégia de compressão mínima, e ocorre quando o adulto emite avisos de que não entendeu ou pede para a criança repetir sua fala, quando faz misturas entre a língua minoritária e a outra.

Existe a estratégia de adivinhação, que ocorre quando o adulto auxilia a criança a perceber que em sua fala não está utilizando apenas um idioma, então pedem à criança que confirme ou não, se o que ela falou foi aquilo que o adulto entendeu de fato. Tal estratégia é vista como uma das que mais estimula a competência comunicativa da criança, já que ela passa a monitorar sua linguagem, de acordo com McTear (1985). A estratégia da repetição ocorre quando os pais repetem a mistura linguística das crianças em formato de pergunta para que elas observem a diferença (GARAU; VIDAL, 2000).

Outra estratégia utilizada em famílias bilíngues é “o que o papai/mamãe diz”, ou seja, quando o pai está conversando com a criança na língua

majoritária, pode perguntar para a criança o que a mamãe diria naquele contexto. De acordo com D¨opke (1992), esta estratégia auxilia a criança a separar os equivalentes bilíngues e aumentar a consciência linguística;

A partir dos estudos de Kasuya (1998), os pais ou cuidadores que utilizam estratégias implícitas, como, por exemplo, uso de repetição, com mais frequência do que estratégias explicitas como o uso de instrução ou correção, tiveram menor sucesso durante a experiência da técnica *OPOL*.

Diante disso, entende-se que existem muitas variáveis envolvidas na tentativa de educação bilíngue realizada pelos pais. Os estudos de parentalidade bilíngue em segunda língua no Brasil ainda são escassos, o que dificulta o processo de disseminação das estratégias que podem auxiliar e as que dificultam a prática. Considerando o crescimento significativo pelo interesse na prática parental bilíngue em segunda língua, pesquisas que têm por objetivo compreender sua aplicação são de suma importância.

Em muitos casos, os pais que experimentam o uso de uma segunda língua em casa se deparam com dificuldades de executar os procedimentos que facilitam a aprendizagem. Neste sentido, pesquisas que têm por finalidade contribuir para disseminação do conhecimento a respeito das influências na aquisição da segunda língua por parte dos filhos visam a oferecer contribuições neste campo.

Segundo Saunders (1988, p. 5), para que os pais se sintam encorajados a persistir no ensinamento de outra língua, é necessário que eles recebam suporte e instruções práticas sobre a técnica e até possíveis obstáculos, pois, tendo conhecimento das dificuldades que enfrentarão, terão mais confiança diante delas. De acordo com o autor, para que uma criança sinta-se confortável para falar outra língua, que não a falada pela maioria das pessoas que ela conhece, a família precisa oferecer conforto e incentivo. Desta maneira, dificilmente o filho oferecerá resistência ao aprender a segunda língua, pois ela não se sentirá estranha, incapaz, ou desajustada por falar em outro idioma (SAUNDERS 1988, p. 4).

## 2.5 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES (PLF)

Pesquisas sobre a aquisição da linguagem têm como objetivo explicar de que modo o ser humano, sem a necessidade de aprendizagem formal, parte da condição de não possuir nenhuma forma de expressão verbal e naturalmente incorpora a língua de sua comunidade ainda nos primeiros anos de vida. A intenção deste estudo não é o de adentrar a área da aquisição da linguagem nem explicar esse fato, mas sim o de compreender e investigar como se dá a política de linguística familiar bilíngue, capaz de possibilitar à criança a aquisição de uma ou mais línguas concomitantemente, ou posteriormente à materna. (CORREA, 1999).

Ricento (2000) apresenta a Política de Linguagem como um campo de investigação dividido em três períodos históricos de desenvolvimento. Entre 1950 e 1960, caracteriza-se pelo trabalho de linguistas ocidentais que realizaram o planejamento da linguagem prática, sua gramática, sistemas de escrita para línguas indígenas e dicionários. A descolonização, a formação do Estado, a predominância do estruturalismo nas ciências sociais e a crença de que os problemas de idioma seriam resolvidos pelo planejamento constituíam-se como elementos centrais na primeira fase da Política de Linguagem, de acordo com o mesmo autor.

Segundo Ricento (2000), as línguas europeias foram escolhidas para ajudar no desenvolvimento econômico das nações e, por consequência, as línguas minoritárias foram conduzidas ainda mais à margem. Peritos na área eram recrutados para desenvolver gramáticas, dicionários e sistemas de escrita para línguas indígenas. Dessa maneira, as nações em desenvolvimento passaram a ser de grande interesse para os sociolinguistas, pois configuravam-se em um campo de transformações de identidade do grupo, apresentando impactos sociais tanto no comportamento relacionado à linguagem quanto a linguagem propriamente dita (FISHMAN, 1968, apud RICENTO, 2000, p. 198).

Já nas décadas de 1970 a 1980, a política de linguagem apresentou a continuação de alguns temas presentes na primeira fase. Com isso, passou a receber críticas ideológicas e políticas. Diferentemente da primeira fase, a hierarquização e a estratificação de populações foram temas abordados pelos estudiosos de Políticas de Linguagem e passam a compreender o papel das línguas dentro de seu contexto cultural. Esses aspectos passaram a ganhar maior importância, tendo em vista ter ocorrido a desconsideração destas

questões ao buscar a unificação de uma língua em todos os locais considerados subdesenvolvidos. Mais tarde, estudiosos perceberam o potencial para o avanço da teoria linguística caso explorassem as conexões entre linguagem e sociedade. Sendo assim, passaram a se preocupar com questões sociais, culturais, econômicas e direitos humanos envolvendo a Linguagem.

Ricento (2000) indaga-se a respeito do motivo de indivíduos optarem por usar ou não determinadas línguas de acordo com o contexto em que estão, e ainda como essas escolhas podem influenciar decisões institucionais a respeito da política nacional linguística.

Apesar de tanto a área política de linguagem quanto a de aquisição de linguagem infantil estarem amplamente preocupadas com as condições de aprendizagem e uso das línguas, seus focos são moldados por perspectivas distintas. Enquanto a política linguística tem suas raízes voltadas à sociologia e à educação (FISHMAN, 1968), a sociolinguística (FASOLD, 1990) e também à linguística aplicada (SPOLSKY, 2004); a aquisição da linguagem infantil é um subcampo da psicologia (BERKO, 2005), de acordo com Kingle e Logan-Terry (2008).

Ainda que essas distinções ocorram, uma ótica interdisciplinar tem como intuito a integração e alcance de uma unidade do saber. Nesse sentido, Japiassu (1994, p.02) afirma que:

> Sabemos que o trabalho interdisciplinar propriamente dito supõe uma interação das disciplinas, uma interpenetração ou interfecundação, indo desde a simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos (contatos interdisciplinares), da epistemologia e da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa. É imprescindível a complementação dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas disciplinas. O objetivo utópico do interdisciplinar é a unidade do saber.

O campo de estudos da aquisição da linguagem infantil vinculado à aprendizagem precoce da segunda língua e o bilinguismo constituem-se como sendo área de pesquisas da Política Linguística Familiar (PLF). De acordo com Shohamy (2006), a política de linguagem da família pode ser definida como

sendo o planejamento em relação ao uso da língua dentro de casa em relação aos membros da família.

A PLF constitui-se como uma área de importante investigação, já que delineia o plano de interações entre a criança e o cuidador, ou seja, é o mapa de como se dará o desenvolvimento da linguagem, de acordo com Houwer, (1999). Além de contribuir para a área de políticas linguísticas e aquisição da linguagem infantil, a PLF reflete as concepções dos pais a respeito dos idiomas escolhidos (KINGLE, LOGAN-TERRY 2008).

Para Spolsky (2004) apud Kingle, Logan Terry (2008) o estudo da política linguística inclui a análise das crenças ou ideologias da linguagem, ou seja, o que as pessoas pensam sobre a linguagem. Englobam também as práticas de linguagem, ou seja, como as pessoas utilizam as línguas, e também quais são os esforços para modificar ou influenciar o modo como a linguagem é utilizada. O planejamento ou gerenciamento de linguagem, configuram-se igualmente como campos do estudo da política linguística. (SPOLSKY, 2004, apud KINGLE, LOGAN-TERRY 2008, p. 01).

Ocorre que as PLF são atravessadas por ideologias de linguagem de seus pais ou cuidadores. Para que se possa compreender como isto acontece na prática da linguagem, Kingle e Logan-Terry (2008) sugerem que estudos de socialização da primeira língua possam demonstrar as possíveis ligações entre crenças culturais e estratégias de comunicação entre cuidadores e crianças.

Baseando-se no modelo da psicologia do desenvolvimento, Houwer (1999) afirmou que a relação entre as crenças e atitudes de linguagem dos pais e cuidadores afeta o desenvolvimento da linguagem das crianças, pois possuem crenças e a partir delas fazem escolhas linguísticas e adotam determinadas estratégias de interação, o que resulta, de acordo com o autor, no desenvolvimento da linguagem infantil, inclusive a bilíngue.

Ainda que o autor tenha proposto tal relação, Kingle e Logan-Terry (2008) observam que tal representação pode ser muito simplista, tendo em vista que esses processos são interativos e não unilaterais, já que a linguagem da criança é moldada pelos pais. No entanto, o desenvolvimento da linguagem infantil impacta as crenças e estratégias dos pais.

Houwer (1999) afirma que a representação anteriormente citada serve como ponto de partida para a hipótese de haver ao menos três modelos de

ideologia adotado pelos cuidadores. Todas as hipóteses impactam as práticas linguísticas em famílias que utilizam mais de um idioma. Hornberger (1988) declarou que os cuidadores possuem clareza a respeito da escolha do idioma, precisa estar em consonância com o contexto. Para exemplificar tal afirmação, abordou as práticas linguísticas de cuidadores pertencentes aos povos indígenas andinos, da América do Sul, que usam da língua quíchua. Em sua pesquisa, os pais quíchuas compartilhavam crenças sobre em quais circunstancias tanto o idioma espanhol quanto o quíchua deveriam ser usados com as crianças. Sendo assim, apesar de ser ofertada pelo Governo uma educação bilíngue espanhol-quechua nas escolas públicas, a aprendizagem formal voltou-se ao espanhol, tendo em vista a resistência apresentada pelos pais para aprendizagem da língua materna nas escolas.

Outra ideologia abordada por Zentella (1997) diz respeito à troca de códigos e uso de gírias podem impactar no idioma. O exemplo desta atitude dos pais são as gerações de porto-riquenhos que vivem em Nova Iorque, já que acabaram estabelecendo uma identidade própria a partir de sua linguagem.

A terceira ideologia de linguagem se refere às atitudes dos pais para a aprendizagem de línguas e o próprio bilinguismo. Indígenas equatorianos apresentavam a crença de que a exposição precoce a uma segunda língua confunde as crianças e leva-os a ensinar apenas uma língua em casa (KING, 2001).

Para Houwer (1999), o grau em que os pais e cuidadores se consideram capazes e responsáveis ou não por moldar a linguagem dos seus filhos também se caracteriza como uma crença que produz impactos na aprendizagem e aquisição da língua pela criança.

Observa-se, ainda, que as ideologias de linguagem são altamente influenciadas por crenças e noções da cultura do que torna um pai e uma mãe bons ou maus, pais e mães que possuem boas práticas parentais ou não. Sendo assim, a unidade familiar pode ser vista como um local em que são formadas as ideologias de linguagem e são representados por meio da interação cuidador-criança influenciadas pelo contexto cultural em que estão inseridos (KINGLE, LOGAN-TERRY, 2008).

O desenvolvimento bilíngue positivo tem sido explicado, pelos pesquisadores da área, como sendo resultado dos aspectos de implementação e consistência com a política de linguagem acordada. Para os autores, a falta de aderência à política de linguagem é compreendida como principal motivo de não alcance dos objetivos. (RONJAT, 1913; SAUNDERS, 1982, 1988; TAESCHNER, 1983; HARDING e RILEY 1986; citados por KINGLE, FOGLE e LOGAN-TERRY, 2008).

Portanto, a intenção deste trabalho é o de investigar como a estimulação presente no ambiente interfamiliar utilizando políticas linguísticas ocorrem durante a transmissão da segunda língua entre cuidadores e filhos, utilizando a técnica OPOL. De acordo com estudiosos da área como Kingle (2008), Spolsky (2004), acredita-se que a política de linguagem familiar merece atenção, pois sua implementação molda o desenvolvimento cognitivo das crianças, bem como influencia, de maneira significativa, o sucesso escolar formal, além de determinar a manutenção de uma linguagem particular.

Com a intenção de investigar a respeito da política de linguagem de uma família, tal abordagem tem como objetivo compreender como ocorrem as interações do dia a dia, as crenças dos pais sobre a linguagem, seus objetivos e esforços para moldar o uso e aprendizagem da segunda língua. Destarte, é possível aproximar-se de uma compreensão mais ampla do problema interdisciplinar de como as ideologias de linguagem dos pais produzem impacto. Será possível compreender e analisar a realização e negociação das políticas de linguagem da família ao longo do tempo, bem a de acompanhar implicações que tais políticas produzem na linguagem infantil.

Os estudos a respeito do bilinguismo passaram a ser um campo de interesse a partir do século XX, quando os estudos de matriz psicológica dedicaram-se a compreender os efeitos do bilinguismo no desenvolvimento mental, o bilinguismo infantil, vantagem e desvantagens e até mesmo sobre educação bilíngue.

Foi a partir de Weinreich (1953) que o contato linguístico e o bilinguismo passaram a ser abordados, no entanto, o campo expandiu-se para além das disciplinas linguísticos-pedagógicas, adentrou o campo das áreas antropológicas, sociológicas, biológicas e neurológicas, constituindo-se um campo interdisciplinar.

Estudiosos da Política Linguística costumam dividir em três subáreas como apontam Kloss (1969) e Cooper (1989 apud KINGLE, 2008), sendo que a primeira busca compreender as funções da linguagem; a segunda dedica-se a estudar sobre as normas da linguagem; e, por fim, a terceira que diz respeito ao ensino e aprendizagem das línguas, ou seja, o planejamento da aquisição.

**2.6 (One Parent – One Language – OPOL)**

De acordo com Saunders (1988), existem muitos métodos para ensinar os filhos uma segunda língua, entretanto, optou-se por utilizar a abordagem *one parent one language* (OPOL). O autor cita Ronjat (1913) para explicar como acreditava que o método poderia ser utilizado. De acordo com o segundo autor, os pais que desejassem ensinar uma segunda língua aos seus filhos poderiam se expressar utilizando apenas o idioma adotado pelo cuidador, enquanto os demais cuidadores poderiam fazer uso da outra língua.

No entanto, Baker (1995) alerta que educar os filhos para serem bilíngues não é uma decisão insignificante, já que isso afetará a sua vida, e também a dos pais. Ser bilíngue ou monolíngue pode afetar sua identidade, emprego, onde irá residir, viagens, pensamentos, grupos sociais, casamentos, sendo assim, ser bilíngue é mais que saber fluentemente dois idiomas.

Além disso, para muitos pais e cuidadores, é crucial falar com o filho em sua língua materna, pois assim, sentem que se comunicam com naturalidade e intimidade (SAUNDERS, 1988; BAKER, 1995; BARRON-HAUWAERT, 2004).

Ao mesmo tempo, crianças inseridas em ambientes que utilizam uma segunda língua, sendo esta a minoritária, contribuem para o desenvolvimento no caso de pais que são bilíngues não nativos, e a continuação de um legado familiar, nos casos em que o bilinguismo acompanha gerações.

Nesta perspectiva, Baker afirma que (1995, p. 13) “as crianças de famílias que falam uma língua minoritária (sendo a língua majoritária falada fora de casa), têm a vantagem de levar adiante a língua de herança da família e toda a intimidade e enraizamento envolvidos”.

Não é possível deixar de destacar que algumas famílias possuem melhores condições para o desenvolvimento adequado de uma criança bilíngue, tendo em vista que é de extrema relevância a estimulação constante do segundo idioma e isto tem maiores chances de ocorrer quando o sujeito

frequenta aulas particulares de idioma ou possui um membro familiar que já frequentou (ARANHA, 2006)

Baker (1995, p.13) defende o mesmo ponto de vista ao afirmar: “para que uma criança se torne totalmente bilíngue, é necessário que haja bastante experiência de linguagem estimulante (ouvir e falar, e ler e escrever) em ambas as línguas”.

Sendo assim, quando um dos pais tem conhecimento de uma segunda língua, possui disponibilidade e interesse em ensinar seus filhos, é indispensável que tenham períodos de interação consideráveis, já que, assim, a criança terá a exposição ao idioma necessária para aprender uma segunda língua em casa, com os familiares.

Para Sauders (1988, 1995), a língua minoritária, precisa ser estimulada com maior afinco do que a majoritária, levando em consideração que o ambiente em que a criança está inserida na maior parte do tempo faz uso da segunda. Baker (1995, p. 14) assegura que a estratégia deve incluir uma quantidade considerável de exposição ao idioma, portanto ele afirma que “é improvável que uma criança que ouve uma língua meia hora por dia, principalmente no final do dia, quando ela está cansada, se torne competente nessa língua”.

Ademais, a variedade de exposições é de grande importância para o desenvolvimento de uma segunda língua no ambiente familiar, por exemplo, livros, ouvir músicas, visitas ao zoológico e parque, existe uma chance realista de bilinguismo (BARRON-HAUWAERT, 2004).

Antes que a técnica *OPOL* seja executada, é essencial considerar que os autores da área alertam que a experiência pode gerar frustações tanto para os pais quanto para as crianças. Por conseguinte, Baker (1995) assegura que várias questões podem influenciar a aplicabilidade de técnicas que possibilitam a aquisição de uma segunda língua para crianças no ambiente familiar. De acordo com ele, condições geográficas, mudanças de relações na família nuclear e extensa, atitudes da comunidade, prioridades da família em relação ao desenvolvimento infantil, motivação dos pais, da própria criança, seus amigos e irmãos, e também condições financeiras da família, podem prejudicar o desenvolvimento da segunda língua, visto que estes fatores influenciam no

período de exposição da criança à língua minoritária e no estado psicológico dela.

Ademais, antes de iniciar a experiência de *OPOL* com uma criança, os pais ou cuidadores devem estar de acordo com esta política linguística familiar. Torna-se imprescindível que os responsáveis discutam esta proposta para que estejam conscientes de que a criação de uma criança bilíngue envolve questões de autoidentidade, autoestima, autoconceito, percepção de segurança, *status* social, futuros empregos, relacionamento com a família e amigos, ou ainda grupos sociais em que a criança possa estar inserida (BAKER, 1995). Portanto, o diálogo empático, aberto e franco deve ser prioridade entre os cuidadores. Possíveis desentendimentos ou desacordos podem ser solucionados antes da execução da prática. Tendo levado em consideração os alertas expostos pelos autores da área, é pertinente apresentar os principais estágios da aquisição de outro idioma.

Segundo Taeschner (1983), existem três principais estágios da aquisição simultânea de duas línguas. Para o autor, no primeiro estágio, as crianças apresentam um léxico composto pelos dois idiomas, porém sem equivalentes entre os dois. Sendo assim, utilizam as palavras de acordo com o que aprenderam para nomear acontecimentos ou objetos. A próxima etapa é marcada pelo fato de a criança perceber que existe uma diferença entre os idiomas falados pelos pais. Neste momento, começam a compreender e se apropriar de palavras e expressões equivalentes nos dois idiomas. Para o autor, é nesta fase que as crianças tendem a falar apenas o idioma majoritário e as interferências lexicais e morfológicas são observadas. No terceiro estágio, as crianças continuam a conquistar equivalentes lexicais nas duas línguas. No final desta fase, a criança já é capaz de responder em qualquer um dos idiomas que lhe foi solicitado.

Muitos pais podem provocar o desânimo e a consequente desistência dos filhos ao exigirem um desempenho mais elevado do que a criança pode apresentar no início da experiência. É comum que as crianças expostas a duas línguas atravessem esses estágios de aquisição. Ter conhecimento dessas etapas pode propiciar aos pais expectativas mais realistas em relação à educação bilíngue em casa.

Neste sentido, Saunders (1988, p. 24) afirma que, embora seja importante que os pais procurem oferecer uma boa educação, precisam ser realistas e ter consciência de que traçar como meta a perfeição traria consequência negativas para a experiência como uma possível desistência por parte da criança e por parte dos pais.

Sauders (1988) afirma que o fato de a experiência de parentalidade bilíngue em segunda língua apresentar resultados positivos não está ligada a altos níveis socioeconômicos ou alto nível de escolaridade dos cuidadores. De acordo com ele “a chave para o sucesso não é realmente uma alta qualificação acadêmica ou status socioeconômico, mas uma quantidade razoável de motivação e comprometimento”. No entanto, o que se tem percebido é que indivíduos proficientes frequentaram aulas particulares de idiomas estrangeiros, portanto, houve investimento financeiro próprio (ARANHA, 2006).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do final da década de 1990, relacionadas ao ensino fundamental afirma que “o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes.” (BRASIL, 1998, p. 18). No entanto, os PCN do ensino médio visava desenvolver integralmente as competências comunicativas, frisando a importância da competência sociolinguística, gramatical, discursiva e estratégica (BRASIL, 1998).

À vista disso, os PCN destacam que a uma das principais funções do ensino da Língua Inglesa é o de capacitar os alunos para o mercado de trabalho, já que reconhecem a grande importância dela na vida profissional das pessoas. Logo, anunciam que é “imprescindível incorporar as necessidades da realidade ao currículo escolar de forma que os alunos tenham acesso, no Ensino Médio, àqueles conhecimentos que serão exigidos no mercado de trabalho” (BRASIL,1999, p. 149).

O que se pode assegurar na atualidade é que mesmo diante dos propósitos das PCN ainda não é possível oportunizar aos alunos a participação em cursos de leitura que poderiam viabilizar o ensino planejado de vocabulário, enriquecimento cultural através da leitura de textos nem o desenvolvimento da competência comunicativa (SOUZA E SANTOS, 2011).

Por conseguinte, a declaração de Sauders (1988) não corresponde ao contexto cultural e socioeconômico brasileiro, tendo em vista que a maior parte dos indivíduos bilíngues apresentam um perfil definido, sendo um público elitizado e que possui ou já possuiu condições financeiras que sustentaram um investimento em escolas de idioma particulares, que, por sua vez, não são tão acessíveis tendo em vista seu alto custo. Nos casos em que a segunda língua é repassada através do ensino informal, como no caso de descendentes de imigrantes, pode-se afirmar que se trata de um outro perfil bilíngue.

Conforme Saunders (1988), Baker (1995), Szramek-Karcz (2016), e Döpke (1992), dedicação e comprometimento são importantes para que a experiência bilíngue em segunda língua seja satisfatória. Desde o início, os cuidadores precisam estar cientes das dificuldades a serem enfrentadas durante a experiência bilíngue, pois este conhecimento diminui a probabilidade de desistência dos cuidadores e dos filhos. Obter conhecimento também aumenta as chances dos responsáveis preverem e manejarem adequadamente situações inesperadas durante a experiência.

Saunders (1988, p. 54) adianta que, durante o primeiro estágio da experiência, é comum que a criança até aproximadamente os dois anos de idade, fale frases que contenham palavras dos dois idiomas dependendo da pessoa com quem está conversando. Para Katchan (1985), citado por Döpke (1992), à medida em que a criança se desenvolve, a língua falada pela comunidade se torna a dominante e pode causar interferência na segunda língua, tendo em vista o maior uso da primeira, além do reconhecimento desta pela comunidade em que a criança está inserida.

Barron-Hauwaert (2004) sugere que, para uma política linguística familiar bilíngue, é importante que, pelo menos no início, o diálogo não consista em uma linguagem muito complexa; que busque expandir os locais em que possam fazer uso da língua minoritária, não restringindo-se à casa; realizar perguntas abertas, para que haja maior chances de respostas mais elaboradas e não apenas sim ou não. De acordo com o autor, é de suma importância que haja incentivo e aprovação, na medida em que a criança esforça-se para utilizar a língua em processo de aprendizagem; valorizar as contribuições da criança durante as conversas; da mesma forma, considerar as tentativas de

conectar palavras a objetos, já que tal atitude ajuda na memorização do novo idioma.

A reação mais esperada é que os cuidadores imediatamente interfiram na fala da criança para pontuar que o que ela falou está errado. Sauders (1988) explica que o mais adequado diante desta situação é dizer que não compreenderam o que a criança quis dizer ou parafrasear a sua fala utilizando palavras mais adequadas ao idioma ou ao contexto da fala.

É importante destacar que, de acordo com Döpke (1992), troca de código é diferente de misturar dois idiomas. Para ela, o ato de trocar de código é consciente e os sujeitos utilizam uma palavra especifica emprestada de outro idioma por não se lembrarem da expressão no momento em que estão falando. A troca de códigos pode acontecer quando o orador sente a necessidade de esclarecer ou enfatizar um ponto específico de seu discurso, ou pode utilizar a estratégia para chamar atenção do ouvinte. Dessa forma, Döpke (1992), considera que a troca de código é uma ferramenta interacional importante para manter o discurso atrativo, e não como um sinal de incapacidade de separar idiomas.

Em sua experiência, Saunders (1988) relata perceber que, se assinalasse aos filhos que eles haviam pronunciado uma frase com misturas de idioma, os mesmos teriam a chance se corrigir e aprender a não mesclar as línguas. De acordo com o autor, durante diálogos que seus filhos se dirigiam ao pai utilizando duas línguas no mesmo enunciado, o cuidador realizava alguma mímica como colocar a mão no peito para expressar que eles precisavam reformular a frase, fazendo uso apenas do idioma daquele cuidador. Ele afirma que esse código era utilizado com humor pelos integrantes da família e o gesto não era considerado um eliciador de emoções negativas.

Outra condição esperada durante a experiência são os momentos em que a criança deseja algo. É provável que ela escolha a língua que o monolíngue da família utiliza e compreende, como afirma Saunders (1988). Isto pode estar atrelado também ao fato de que cada assunto esteja associado a um idioma particular. De acordo com Gleason (1973), as crianças desde muito pequenas ajustam sua maneira de falar considerando o ambiente em que estão, o modo como os participantes se comportam e falam, o assunto, quem está participando da conversa e também qual será o objetivo de sua fala.

É importante considerar que, em alguns casos, a criança utilizará a segunda língua com a pessoa com quem aprendeu, mesmo que esteja em uma conversa entre 3 participantes, e uma delas não fala a segunda língua, a criança pode se sentir mais à vontade para conversar utilizando a segunda língua. Isso acontece nos casos em que o nível de ligação da criança com o falante que lhe ensinou a segunda língua é forte. A segunda língua é também utilizada para falar assuntos privados, no momento em que se deseja falar a língua que apenas o pai ou mãe saibam, como se fosse um assunto secreto.

Sobre isso, Baker (1995) afirma que é necessário utilizar a segunda língua com cautela nos momentos em que se faz presente uma pessoa monolíngue e que, portanto, não compreende o que os bilíngues podem estar falando. De acordo com o autor, atitudes como essa podem excluir uma pessoa importante da relação familiar e propiciar um distanciamento desnecessário entre os membros.

Para Döpke (1992, p.190), nas famílias em que a interação com os pais que utilizam a língua minoritária é prazerosa, as crianças adquirem a língua mais facilmente, como ela deixa explicito no trecho a seguir: “no contexto de famílias que utilizavam o princípio OPOL, os filhos adquiriram a língua minoritária nos casos em que a interação era gratificante”.

Neste sentido, Saunder (1988) afirma que, adquirir materiais como livros e revistas que possam despertar o interesse das crianças pode auxiliar na aprendizagem da segunda língua. Em consonância com o primeiro autor, Döpke (1992) afirma que os pais que optam pelo método OPOL, precisam se esforçar para envolver os filhos em atividades lúdicas ao utilizar a segunda língua, mais que a pessoa que utiliza a língua maioritária com a criança. Assim, as crianças podem apresentar disposição genuína em aprender mais sobre o segundo idioma.

De acordo com Barron-Hauwaert (2004), os pais podem utilizar áudios e gravações durante a experiência bilíngue. No momento em que tiverem apreciando músicas ou vídeos, os pais podem auxiliá-las em suas dúvidas que surgirem. Para o autor, os pais que passam muito tempo fora podem enviar áudios, além de cartas e vídeos. Isso costuma ser produtivo e mantém o interesse pela experiência bilíngue.

Apesar de Baker (1995) declarar que os meios de comunicação da massa, como a televisão, podem contribuir positivamente para o incentivo do uso de outro idioma, considera que tais recursos não possuem capacidade de proporcionar treino elevado de produção de fala. Nesse sentido, ele afirma que o conteúdo disponibilizado pelos meios de comunicação, como a televisão, não deve ser consumido de forma exagerada, considerando que é um meio de comunicação passiva e não possibilita a prática ou o uso da linguagem. No entanto, o autor não desconsidera completamente as contribuições da televisão para o desenvolvimento da linguagem nas crianças, por menor que ela seja. “Filmes legendados, jogos de times de futebol, notícias legendadas podem dar à criança uma experiência de linguagem pequena, mas valiosa” (BAKER, 1995, p. 27).

Para Gleason (1973), o fenômeno sociolinguístico de adequar o modo de falar de acordo com os participantes da conversa é percebido não apenas em monolíngues, mas também em bilíngues. Segundo o autor, a partir dos quatro anos, as crianças passam a diferenciar linguisticamente de acordo com quem estão, podendo ser mais educados com pessoas que não conhecem em comparação com adultos da família.

Tendo em vista o exposto, os pais podem se deparar com situações em que os filhos não se sentem seguros em falar outra língua com pessoas de fora do círculo familiar e, nestes casos, os pais podem oferecer segurança e amparo para as crianças, garantindo-lhes que não são obrigadas a falar o segundo idioma com pessoas estranhas até sentirem-se preparadas para isso.

No entanto, para Baker (1995), as crianças não estão preocupadas com possíveis erros de linguagem, ou não encontrarem exatamente as palavras necessárias, ao contrário disso, estão interessadas em transmitir e receber mensagens e comunicar-se com o meio.

A experiência de bilinguismo na família deve ser sinônimo de diversão, para que seja agradável tanto para as crianças quanto para os pais e não tornar-se uma obrigação, conforme Szramek-Karcz (2016), Baker (1995). Seguindo esta perspectiva, Saunders (1988) afirma que, depois de algum tempo de experiência bilíngue, as crianças apenas aceitam que seus pais troquem de língua, caso entrem em acordo prévio de que farão uma brincadeira. Os filhos passam a considerar estranho quando seus pais não

conversam com eles utilizando a segunda língua e podem ficar irritados por este motivo. Criar uma boa atmosfera familiar, metas realistas, autodeterminação e compreensão são aspectos importantes para uma experiência de parentalidade bilíngue em segunda língua proveitosa, segundo Szramek-Karcz (2016).

Conforme Baker (1995), em muitos casos, os cuidadores ficam extremamente preocupados e acabam desmotivando os filhos a aprender uma segunda língua com o excesso de correção. Infelizmente, os pais passam a focar nas dificuldades dos filhos em reconhecer a junção de dois idiomas em uma fala. Preocupam-se com o possível dano que a aquisição de duas línguas pode provocar no desenvolvimento adequado do pensamento, com os julgamentos da sociedade e da família extensa, além de apresentarem uma demasiada preocupação com os possíveis problemas de autoidentidade que os filhos possam manifestar no futuro. Ao contrário desta preocupação excessiva, "o mais importante na criação de uma criança bilíngue é tornar o desenvolvimento da linguagem um prazer, uma experiência positiva e agradável." (BAKER, 1995, p. 36).

Portanto, é relevante observar que a aquisição de uma segunda língua não deve se tornar motivo para conflitos contínuos, já que, assim, a criança terá maiores chances de vincular a aprendizagem de outro idioma com sentimentos de ansiedade, pressão, punição e correções constantes. Sobretudo, Baker (1995, p. 36) destaca que "as crianças precisam valorizar suas duas línguas, duas culturas e, de forma modesta, conhecer as vantagens de ser bilíngue e bicultural".

Dessa forma, o equilíbrio entre ocasionais elogios e cobranças poderá aumentar as chances da experiência tornar-se positiva tanto para os cuidadores quando para a criança. Portanto, nas ocasiões em que ela conseguiu auxiliar um colega ou avançar na comunicação bilíngue, Baker (1995) e Saunders (1988) declaram que a demonstração de alegria pode ser como um incentivo para o aprimoramento de suas habilidades. Para os autores, todos precisam de um incentivo para aperfeiçoar habilidades. Elogios ocasionais e direcionados da melhor forma poderão proporcionar um ambiente positivo para o desenvolvimento do bilinguismo.

De acordo com Houwer (2015), não apenas as escolhas linguísticas dos pais, mas também a maneira com que respondem às crianças, são de grande relevância para o desenvolvimento do bilinguismo infantil precoce. Para Baker (1995, p. 40), crianças tornam-se bilíngues mais facilmente por adquirem a linguagem de maneira involuntária, através de brincadeiras e jogos, sendo assim, o autor afirma que “as crianças aprendem línguas com a mesma naturalidade com que aprendem a correr e pular, pintar e brincar”.

Destarte, para crianças e jovens a aquisição de um segundo idioma é um subproduto de suas interações com o meio. Além de que, o autor pontua que as crianças, quando pequenas, aprendem a pronúncia com maior precisão do que quando estão mais velhas. Ademais, aprendem com maior facilidade os sons de dialetos locais, ou seja, aprendem sem sotaque, de acordo com Baker (1995).

Saunders (1988, p. 257) explica que muitos pais acabam desistindo de ser o tutor na educação bilíngue em segunda língua por encontrarem dificuldades e não possuírem uma rede de apoio para solucionar as questões envolvidas durante a experiência. Em tal contexto, o autor esclarece que os pais podem juntar-se em um grupo para dividir as angústias, dificuldades e dúvidas em relação à educação bilíngue, além de terem a oportunidade de estruturar um grupo para que as crianças possam exercitar a segunda língua.

Um quesito a ser considerado é a coesão familiar na experiência bilíngue utilizando o método OPOL. Segundo Zierer (1977), o grau de bilinguismo dos adultos, o nível de conhecimento sobre a experiência OPOL, suas características pessoais podem interferir na coesão das famílias que não têm acesso a instruções seguras da aplicação do método, nem um suporte emocional para auxiliar a enfrentar as dificuldades encontradas.

De acordo com Kingle, Fogle, Logan-Terry (2008), a idade, consistência dos pais ao utilizarem a língua escolhida e o contexto de aprendizagem constituem variáveis importantes para determinar o grau de sucesso das políticas de linguagem familiar na promoção do desenvolvimento de uma linguagem infantil bilíngue.

Dessa maneira, o autor evidencia os principais fatores para que um grupo de crianças que falam uma língua minoritária possam apresentar resultados positivos. O autor afirma que existem pelo menos quatro

importantes itens para que a experiência entre um grupo de crianças que esteja praticando o bilinguismo em casa possa ser considerada satisfatória. O primeiro item seria o de existir, dentro da configuração familiar, pelo menos um coordenador que proponha atividades para exercitar a segunda língua com o uso de algum cronograma. Atividades que propiciem a fala das crianças são fundamentais, como segundo item. O terceiro item tem como objetivo monitorar as crianças para que conversem com os outros integrantes do grupo apenas no segundo idioma. Por fim, como o quarto tópico, ele sugere que as crianças sejam organizadas de acordo com sua faixa etária mais próxima, pois isso facilita o surgimento do sentimento de identificação entre elas.

Sendo assim, é possível afirmar que há um consenso entre autores da área, como Sauders (1988), Kingle, Fogle e Logan-Terry (2008), pois declaram que a política de linguagem familiar merece atenção, já que a sua implementação molda o desenvolvimento das crianças. Afirmam, ainda, que o sucesso escolar formal das crianças possui ligação com a política de linguagem familiar. “A maneira como as famílias usam e alocam a linguagem em casa tem implicações para o desenvolvimento cognitivo e o desempenho educacional (KINGLE, FOGLE, LOGAN-TERRY, 2008, p. 10)”.

## 3.3 OBJETIVOS

### 3.3.1 Objetivo Geral

Analisar a política linguística familiar de uma família brasileira a partir da introdução da metodologia “*OPOL*” como estratégia de introdução ao bilinguismo aditivo português-inglês.

### 3.3.2 Objetivo Específicos

(i) Oferecer suporte técnico através de contato frequente com a família; Acompanhar o desenvolvimento da segunda língua português-inglês em crianças através da parentalidade bilíngue em segunda língua.

(ii) Levantar as motivações na escolha de proporcionar o aprendizado bilíngue no ambiente familiar;

(iii) Descrever as Políticas Linguísticas Familiares utilizadas pelos sujeitos de pesquisa;

(iv) Aplicar a metodologia *One Parent – One Language* (OPOL) como estratégia de promoção do bilinguismo; e

(v) Averiguar a possível existência de mitos e preconceitos relacionados a indivíduos bilíngues e suas escolhas de praticar um idioma minoritário.

***

A partir da discussões teóricas aqui elencadas, o próximo capítulo trata sobre a metodologia de pesquisa utilizada, trazendo à vista uma caracterização do estudo, bem como descrições sobre os sujeitos de pesquisa, coleta de dados e instrumento de pesquisa.

# 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

## 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Neste capítulo apresentam-se os aspectos referentes aos procedimentos metodológicos que contribuirão para as responder as perguntas desta pesquisa. Por não produzirem leis que regulamentem o conhecimento cientifico, as pesquisas desenvolvidas no campo das Ciências Sociais são consideradas qualitativas.

Para Minayo (1993, p. 10), “níveis mais profundos das relações sociais, não podem operacionalizá-los em números e variáveis, critérios usualmente aceitos para emitir juízo de verdade no campo intelectual”, assim, a pesquisa social busca compreender a construção do evento pesquisado e não a universalidade dele.

Neste sentido, Araújo e Lopes de Oliveira (2010), corroboram com Minayo (1993) ao afirmarem que a subjetividade sendo constitutiva da pessoa deve perpassar as práticas de pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (1993, p. 21):

> a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Considerando estes aspectos, esta pesquisa pode ser considerada qualitativa uma vez que busca compressão dos sujeitos em sua totalidade. A intenção é de captar o significado subjetivo e o ambiente vivenciado pelos sujeitos de pesquisa (GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2006).

Sob esse pressuposto, o estudo de caso é um método de abordagem de investigação de um fenômeno natural dentro do seu contexto de realidade. De acordo com Yin (2005), este método é utilizado com o propósito de descrever situação do contexto em que a investigação está sendo realizada, explicar as variáveis causais de determinados fenômenos em situações complexas em que não há possibilidade de utilização de levantamentos e experimentos.

O objeto de pesquisa de sujeito único, em estudos de caso, vai se construindo juntamente com a coleta e análise de dados, de acordo com Silva (2012). Dessa maneira, Gil (2010, p. 138) afirma que:

> a unidade-caso refere-se a um indivíduo num contexto definido [...] o conceito de caso, no entanto, ampliou-se, a ponto de poder ser entendido como uma família ou qualquer outro grupo social um pequeno grupo, uma organização, um conjunto de relações, um papel social, um processo social, uma comunidade, uma nação ou mesmo toda uma cultura.

Uma pesquisa também pode ser considerada estudo de caso do ponto de vista temporal. Tal fenômeno ocorre quando o pesquisador acompanha o desenvolvimento do evento (GIL, 2010, p. 139). A pesquisadora deste estudo acompanhou por 26 meses (vinte e seis) o desenvolvimento e aplicabilidade de um método de política linguística, sendo assim, é considerada um estudo de caso do ponto de vista temporal. Caracteriza-se, ainda, por ser uma pesquisa "desenvolvida com o propósito de auxiliar no conhecimento ou redefinição de determinado problema" (GIL, 2010, p.139).

Além disso, a abordagem metodológica de estudo de caso com sujeito único é utilizada quando o acesso a múltiplos casos não é possível. Além do

fato de se configurar como estudo de caso, ainda é uma pesquisa exploratória, tendo em vista que tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o que está sendo investigado. O objetivo principal deste tipo de pesquisa é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, de acordo com Gil (2010). “Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (SELLTIZ et al., 1967, p. 63 apud GIL, 2010, p. 41).

## 3.2 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA

Para a efetividade da pesquisa social, a construção do *corpus* é de significativa importância. Segundo Mello e Sá (2006) o *corpus* é o material formado por um conjunto de fontes linguísticas que geram evidências fundamentais para compreender o fenômeno em seu contexto. Assim sendo, o *corpus* constitui-se da representação de uma realidade em seu próprio contexto. É uma coleção de materiais que o pesquisador determina de forma arbitrária e que deve conter conteúdo suficiente no que se refere a população pesquisada (BARDIN, 2010).

## 3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DE PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir da participação principal de dois membros de uma família composta por pai de 51 anos, mãe de 42 anos, uma filha de 13 anos e outra de 7. O pai e a filha mais velha foram os participantes da pesquisa já que haviam manifestado a intenção de utilizar o método OPOL como política de linguagem familiar. O pai é bilíngue fluente e mostrou-se interessado em receber o acompanhamento durante o tempo em que a pesquisa fosse executada. Sendo assim, num primeiro momento, entrou-se em contato com a família com o objetivo de informar-lhes a respeito dos procedimentos da pesquisa, desta forma, foi realizado o contato semanal com os participantes para a coleta de dados.

## 3.4 COLETA DE DADOS

Após o aceite do Comitê de Ética (número do parecer: 4450.327), deu-se início à coleta de dados. Entrou-se em contato com os participantes da pesquisa escolhidos por conveniência, garantindo-lhes sigilo de suas identidades. A partir deste momento, foi solicitado, através de uma entrevista semiestruturada (cf. ANEXOS), que o pai relatasse as motivações em ensinar sua filha a segunda língua no ambiente familiar.

Como caráter interventivo, a pesquisadora entrou em contato com o pai toda semana durante os primeiros meses de pesquisa via aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones* com a intenção de realizar a coleta de dados. Posteriormente, o contato passou a ser mensal e depois mensalmente. Durante as conversas foi solicitado ao pai impressões e observações percebidas durante as interações bilíngues, através de um questionário com perguntas abertas. Além disto, a pesquisadora mostrou-se disposta a contribuir com possíveis dúvidas e dificuldades que a família pudesse estar enfrentando na implementação da metodologia OPOL.

Ademais, foram enviados materiais informativos referente à técnica OPOL, como arquivos de *word* com sugestões que auxiliassem no desenvolvimento da prática da política de linguagem familiar bilíngue em casa (CF. ANEXOS).

## 3.5 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Tratou-se de uma entrevista semiestruturada, a partir da elaboração de um roteiro que orienta e auxilia o pesquisador a manter seu foco. O roteiro não tinha a pretensão de ser conduzido como se fosse um questionário, mas sim como um guia para a organização das perguntas.

## 3.6 MÉTODO DE ANÁLISE

Uma vez realizada a coleta de dados a Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2010) foi utilizada como método de tratamento de dados, assegurando a coerência com os pressupostos epistemológicos e ontológicos da pesquisa. Creswell (2010) assinala que a análise de dados qualitativos envolve distintas apreciações destes dados, conduzindo o pesquisador a extrair o sentido deles. Para o autor, este fato ocorre pela condução de diferentes análises focadas na

compreensão e representação dos dados, com o intuito de se aproximar de uma interpretação ampla do seu significado.

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de relatos coletados através de entrevistas semiestruturadas apresentadas em sua literalidade (cf. ANEXO). Portanto, os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa foram analisados seguindo os pressupostos da análise de conteúdo, apresentada na sessão a seguir.

## 4 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo (AC) é um conjunto de técnicas empregadas para a análise de dados qualitativos. O objetivo é investigar, descrever e inferir as atitudes e mensagens associadas ao contexto de forma sistemática o que foi dito pelos sujeitos de pesquisa (BARDIN, 2010). Sobre isso, Berelson (1952, p.13) afirmou ser "uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicação, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações".

Embora em sua originalidade a AC tenha sido utilizada em pesquisas de metodologia quantitativa, sua evolução propiciou o desenvolvimento de um instrumento da análise das comunicações que tem por finalidade alcançar através de uma observação cuidadosa a significação que não estão explicitas. Para Minayo (2000) a principal característica que a diferencia de outros instrumentos de análise é a presença de processos de validação.

Bardin (2010) propôs o método de análise de conteúdo distinguindo suas principais três fases cronológicas, sendo a primeira de pré-análise, a segunda de exploração do material e por fim de tratamento dos resultados, inferência e interpretação do material coletado. (GIL, 2010 p.152, apud BARDIN, 2010, p.95).

Na primeira fase, pré-análise, se dá a organização e estabelecimento de indicadores para a interpretação do material coletado e a leitura das informações coletadas. Existem quatro etapas nesta fase da pré-análise: 1) Leitura flutuante, momento em que o pesquisador entrará em contato com as entrevistas para conhecer e obter as primeiras impressões; 2) Definição do *corpus* é a segunda etapa, nela a escolha dos documentos será realizada seguindo as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e

pertinência; 3) A partir da leitura inicial dos dados constitutivos do *corpus* se dá a construção de objetivos e hipóteses; 4) por fim, a elaboração de indicadores que dizem respeito ao material coletado.

Bardin (2010) considera a segunda fase, de exploração do material, o momento em que ocorre a transformação dos dados brutos em informações ricas a respeito da característica do texto. Neste momento, a tarefas de codificação, ou seja, a escolha das unidades tanto de registro quanto de contexto, a enumeração e classificação ocorrem.

Por fim, o tratamento dos dados, inferência e interpretação tem como intenção tornar os dados significativos. (CÂMARA, 2013). A partir deste momento, o pesquisador pode propor inferências e interpretações correspondes aos objetivos da pesquisa ou menos descobrir outros que não eram previstos.

Diante disso, foram realizadas as análises em consonância com o proposto. Realizada as entrevistas as mesmas foram transcritas e arquivadas (fase 1) em word totalizando 26 (vinte e seis páginas) (cf. ANEXOS). Em seguida, na fase dois, os dados foram categorizadas e agrupadas a partir de temas semelhantes identificados na análise o pai sendo o Pai e a filha sendo a Filha. Logo depois, recortes foram realizados a partir da convergência dos conteúdos semânticos e foram agrupados separadamente. Por fim, na fase 3, a etapa relacionada ao estabelecimento de categorias analíticas levou em consideração os pressupostos de exclusão mútua entre categorias, homogeneidade, pertinência, objetividade e produtividade sugeridos por Bardin (2010). As categorias finais são constituídas pela síntese dos significados manifestados e revelados através das entrevistas na análise dos resultados desta pesquisa (cf. próximo capítulo). São apresentados neste momento a categorização dos dados:

**Quadro 1 –** Categorização dos dados coletados

| Categoria | Unidade de Registro | Unidade de Contexto |
|---|---|---|
| Motivações e esforços | *"[...] você poder ter uma experiência internacional, e o próprio mercado de trabalho [...]"* | *[...] Não somente pela questão cultural, você saber duas, três, quatro línguas, mas também a abertura de oportunidades no* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *futuro e você poder ter uma experiência internacional, e o próprio mercado de trabalho também. [...]* (Pai) |
| | *"[...] para adquirir cultura [...]"* | *[...] Eu falava que era interessante ela saber das coisas para ter conhecimento da região, para adquirir cultura [...]* (Pai) |
| | *"[...] quero isso pra mim [...]"* | *[...] Eu achei muito legal quando ele passou essa metodologia, o próprio professor e os filhos eram o resultado do que eles praticavam, e eu pensei "aah eu quero isso pra mim também" [...].*(Pai) |
| | *"[...] sempre vai ser importante [...]"* | *[...] Outro idioma, e no caso saber o inglês, não é um modismo, não é algo de momento, sempre vai ser importante, daqui um ou dois anos. Isso sempre vai ser necessário, e nós precisamos trabalhar muito nisso, e conquistar aquilo que almejamos. [...]* (Pai) |
| | *"[...] quis passar isso pra elas [...]"* | *[...] "senti na própria pele" que hora ou outra o mercado iria te cobrar essa necessidade e quis passar isso pra elas. Também para que o idioma fosse praticado de uma forma mais natural, e não meio que* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *"robotizado". [...]* (Pai) |
| | *"[...] aprender inglês principalmente porque serve pra trabalhar [...]"* | *[...] Eu sempre quis aprender inglês principalmente porque serve pra trabalhar, pra viajar [...]* (Filha) |
| | *"[...] penso no futuro também [...]"* | *[...] Além de assistir séries e filmes sempre em inglês querendo conseguir ver sem a legenda, penso no futuro também, em questão de trabalhos. [...]* (Filha) |
| | *"[...] proporciona um patamar bem mais elevado de interação [...]"* | *[...] Hoje você traduz qualquer coisa no Google. E ele ainda faz leitura para você. A habilidade na comunicação falada e de entender de ouvido é um recurso que te proporciona um patamar bem mais elevado de interação com estrangeiros que falam o idioma. [...]* (Pai) |
| Esforços | *"[...] Eu tive que me esforçar muito [...]"* | *[...] Eu tive que me esforçar muito porque eu já tinha perto de 20 anos de idade quando pelos cargos que eu assumia no mercado de trabalho eu via que tinha esse necessidade então era questão de sobrevivência [...].* (Pai) |
| | *"[...] então eu me vi obrigado a criar situações [...]"* | *[...] Esse processo eu vejo que tem que ter muita comunicação então eu me vi obrigado a criar situações onde exigisse mais da* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *comunicação, que nós nos comunicássemos mais juntamente para fazer esse treino em cima da língua. [...] (Pai)* |
| | *"[...] me adaptar ao inglês [...]"* | *[...] Outra coisa que tenho sentido necessidade no dia-a-dia é me adaptar ao inglês coloquial, inglês do dia a dia, o inglês nativo falado por americanos ou ingleses mesmo[...]* (Pai) |
| | *"[...] por isso eu tenho estado me policiando [...]"* | *[...] volte e meia eu percebo que uso palavras mais técnicas que seriam totalmente fora de contexto dizer aquilo naquele contexto para a* Filha*, por isso eu tenho estado me policiando quanto a isso para falar um inglês mais compatível com ela. [...]* (Pai) |
| | *"[...] se arriscado mais [...]* | *[...] Agora ela tem se arriscado mais em falar. [...]* (Pai) |
| | *"[...]seriedade[...]* | *[...] Levamos com bastante seriedade. [...]* (Pai) |
| | *[...] nossa expectativa seria interagir com pessoas no hotel [...]* | *[...] Então, nossa expectativa seria interagir com pessoas no hotel falando inglês e tal. Mas olha só, estávamos sempre rodeados de grupos falando em espanhol. Então só sobrou eu para conversar em inglês. [...]* (Pai) |

| | | |
|---|---|---|
| | *[...] me comunicar mais oralmente [...]* | *[...] Cobro de mim mesmo por não me comunicar mais oralmente. Eu não sou exatamente uma pessoa muito falante, mesmo em Português, e isso joga contra esse processo. Eu me dou conta disso, e isso me aborrece. [...]* (Pai) |
| PLF e OPOL | *"[...] eu explorei um novo vocabulário [...]"* | *[...] Semana passada minha mãe adoeceu e durante esse período eu explorei um novo vocabulário, desconhecido da que seria um vocabulário voltado a doença, hospital, pessoas doentes, procedimentos e tudo mais. [...]* (Pai) |
| | *"[...] expectativa era de ir conversando [...]"* | *[...] Fomos para a região dos campos gerais para conhecer a colônia alemã e holandesa para ver a cultura deles e minha expectativa era de ir conversando com a* Filha *desde a viagem, no carro, falando alguma coisa sobre o contexto histórico ou paisagem também, colocando mais vocabulário voltado a isso. [...]* (Pai) |
| | *"[...] Não consegui tirar muito interesse dela [...]"* | *[...] Na verdade eu falava que era interessante ela saber das coisas para ter conhecimento da região, para adquirir* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *cultura. Infelizmente não consegui tirar muito interesse dela em cima disso, então a comunicação acabou sendo comprometida e eu acabei ficando frustrado. [...]*(Pai) |
| | *"[...] Estou entrando no mundinho da Filha [...]"* | *[...] Estou entrando no mundinho da Filha (risos). Estou focando em assuntos do dia dela, como escola, trabalhos, edições no celular, etc. Também fomos ao cinema e conversamos a respeito do filme. [...]*(Pai) |
| | *"[...] Me pego muitas vezes falando em português [...]"* | *[...] Me pego muitas vezes falando em português com ela, estou com dificuldades nesse chaveamento. [...]* (Pai) |
| | *"[...] combinei com a* Filha *para que fizéssemos essas orações em inglês [...]"* | *[...] Nós temos uma religião, somos católicos, costumamos fazer orações antes de dormir, então combinei com a* Filha *para que fizéssemos essas orações em inglês. [...]* (Pai) |
| | *"[...] Quando estamos no carro [...]"* | *[...] Quando estamos no carro, o professor orientador falou que seria interessante fazer jogos, por exemplo, procurar coisas lá fora determinada cor. [...]* (Pai) |
| | *"[...] apenas nós dois [...]"* | *[...] Bom, então percebo que conversamos muito em inglês quando estamos apenas nós* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *dois. [...]* (Pai) |
| | *"[...] é mais ouvinte [...]"* | *[...] Tem assunto novo a todo momento, mas percebo que ela é mais ouvinte, com interjeições rápidas apenas, concordando ou discordando. [...]* (Pai) |
| | *"[...] é relacionado a nossa rotina [...]"* | *[...] Quando conversamos aqui em casa, ela ousa um pouco mais, pois é relacionado a nossa rotina, e tem várias falas que ela já conhece. Ou seja, ela não tem se arriscado a tentar conversas que não conhece. [...]*(Pai) |
| | *"[...] conversar por WhatsApp [...]"* | *[...] Vou aproveitar e conversar por WhatsApp em inglês. Opa, tive essa ideia agora. Gravar áudios para ela e ver como responderá. [...]*(Pai) |
| | *"[...] ver filmes com fala e legenda em inglês [...]"* | *[...] Precisamos retomar em ver filmes com fala e legenda em inglês. [...]*(Pai) |
| | *"[...] estamos em uma cidade turística [...]"* | *[...] Aproveitamos que estamos em uma cidade turística, meio torre de Babel, e botando em prática nossa conversa em inglês, tipo, se sentindo estrangeiro em Foz. [...]* (Pai) |
| | *"[...] não se intimida tanto mais em ser estimulada a responder [...]"* | *[...] Ela não se intimida tanto mais em ser estimulada a responder coisas em inglês quando próxima a pessoas* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *desconhecidas. [...]* (Pai) |
| | *"[...] 5 contatos para trocar mensagens em inglês, áudios e textos [...]"* | *[...] Sobre a* Filha*, por intermédio do professor orientador, ela tem agora uns 5 contatos para trocar mensagens em inglês, áudios e textos. O próprio professor orientador, e o seu filho, e mais uns 3 estudantes. [...]* (Pai) |
| | *"[...] conversando pouco [...]"* | *[...] Confesso que estivemos conversando pouco ultimamente. [...]* (Pai) |
| | *"[...] repreender ou orientar em inglês também [...]"* | *[...] Então, geralmente eu tento repreender ou orientar em inglês também, acaba sendo mais um aprendizado em situações do cotidiano. [...]* (Pai) |
| | *"[...] Quando ela vem falar alguma palavra em português pra mim eu ignoro [...]"* | *[...] Tem momentos que a gente tenta forçar a barra mesmo. Quando ela vem falar alguma palavra em português pra mim eu ignoro, nem olho pra ela mas tudo na brincadeira também. [...]* (Pai) |
| | *"[...] ela tende a nos colocar na linha novamente [...]"* | *[...] Minha esposa apoiou completamente a experiência, tanto é que quando ela percebe que estamos esquecendo de falar em inglês, ela tende a nos colocar na linha novamente [...]* (Pai) |

| | | |
|---|---|---|
| | *"[...] sensação de não estar expressando todo sentimento ou emoção de maneira completa [...]"* | *[...] O meu maior medo durante a fase inicial e talvez isso explique a mudança de inglês para o português, é a sensação de não estar expressando todo sentimento ou emoção de maneira completa ao estar usando inglês ao invés do português. [...]* (Pai) |
| | *"[...] ela olhou sério e a mensagem foi captada [...]"* | *[...] a primeira vez que fui dar uma bronca que fui chamar atenção em inglês, eu olhei sério, ela olhou sério e a mensagem foi captada, foi legal e foi eficaz, assim como se fosse falar em português. [...]* (Pai) |
| | *"[...] geralmente estavam as 3 juntas [...]"* | *[...] Isso, recentemente fiz uma viagem. Lá fora minha comunicação com as meninas era por WhatsApp vídeo e geralmente estavam as 3 juntas, então praticamente nos desligamos do processo. [...]* (Pai) |
| | *"[...] quando conversamos em particular até rolava o inglês [...]"* | *[...] Ela queria que eu comprasse algumas coisas, alguns bonequinhos que ela queria que eu comprasse. Então quando conversamos em particular até rolava o inglês. [...]* (Pai) |

| | | |
|---|---|---|
| | *"[...]20 minutos [...]"* | *[...] A média era de 20 minutos, em dias de semana, com trabalho e estudo. [...]* (Pai) |
| | *"[...] sugiro a forma de falar [...]"* | *[...] Faz frequentemente isso, já que está adquirindo vocabulário. Mas tratamos isso naturalmente ao que eu sugiro a forma de falar isso ou aquilo em inglês. [...]* (Pai) |
| | *"[...] foi melhorando [...]"* | *[...] No início achei diferente, muitas coisas que ele falava eu não entendia, mas com o tempo ele foi me falando o que eram as palavras e foi melhorando muito. [...]* (Filha) |
| | *"[...] inglês na hora do café [...]"* | *[...] Normalmente conversamos bastante em inglês na hora do café, daí a gente vai assistir algum filme. [...]* (Filha) |
| | *"[...] assistir filmes [...]"* | *[...] Hoje em dia eu não consigo mais assistir filmes em português. [...]* (Filha) |
| | *"[...] a forma como ouvi desde pequeno [...]"* | *[...] Talvez esteja vivo como a forma como ouvi desde pequeno e quero retransmitir. [...]* (Pai) |
| Afeto e aprendizagem | *"[...] era mais para participar do processo dela [...]"* | *[...] Como eu levava e buscava a* Filha *na escola de idiomas, eu sempre perguntava o que ela tinha aprendido naquele* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *dia, que assuntos haviam abordado na aula de inglês, tentava puxar alguma história, tentava forçar um pouquinho a mais, mas sem nenhuma cobrança severa, era mais para participar do processo dela, com perguntas em inglês e tentando entrar no assunto que ela tinha visto no dia. [...]* (Pai) |
| | *"[...] nos marca bastante [...]"* | *[...] Mas cada vez que assistimos a filmes com áudio e legendas em inglês nos marca bastante, e fazemos alguns comentários em inglês na sequência. [...]* (Pai) |
| | *"[...] eu já queria assistir com ele. [...]"* | *[...] Eu amei, eu lembro que ano passado, eu já queria assistir com ele. Começamos a assistir o primeiro mas não terminamos de assistir, agora que começamos pra valer e queremos terminar esse ano. [...]* (Filha) |
| | *"[...] eu sei que se eu errar meu pai está aqui [...]"* | *[...] Eu não me sinto desconfortável em falar com meu pai porque eu sei que se eu errar meu pai está aqui pra me ajudar. [...]* (Filha) |
| | *"[...] são mais sobre a infância dele [...]"* | *[...] Não são histórias lidas, são mais sobre a infância dele e umas coisas bem legais sobre meus bisavós e* |

| | | |
|---|---|---|
| | | *tataravós [...]* (Filha) |

**Fonte:** própria autoria (2021)

***

Delimitada a metodologia de pesquisa, o capítulo seguinte trata, em detalhes, a análise dos dados, destrinchando os dados coletados a partir da Análise de Conteúdo.

## 4.1 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo são apresentados os dados e as considerações analíticas referentes aos conteúdo coletado, passamos a considerar os sentidos e significados produzidos pelo Pai, bem como pela Filha durante a prática da parentalidade bilíngue em segunda língua, a partir da sua relação com o mundo, com o contexto sócio histórico no qual se configura o seu modo de pensar, sentir e agir. O exposto a seguir são resultados de uma análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) que aponta a compressão dos participantes da pesquisa a respeito de suas vivências.

### 4.1.1 Motivações e Esforços

Os sujeitos de pesquisa, manifestam por meio de suas falas as principais motivações que os levaram a buscar um conhecimento mais aprofundado da Língua Inglesa e a implementar como PLF. Apesar do objetivo da pesquisa não ser o de esmiuçar processos históricos, não se pode desconsiderar a realidade em que sujeitos de pesquisa estão inseridos. Dessa forma, abordar o fenômeno da globalização, ainda que superficialmente, torna-se imprescindível para a compreensão para além da aparência, como o método de análise de conteúdo propõe, de acordo com Bardin (1977).

Sendo assim, globalização é definida por Giddens (1991, p. 64) como o processo de aproximação e intensificação das relações sociais mundiais, “que

unem localidades distantes, de tal modo, que os acontecimentos são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice-versa".

Foi por meio deste fenômeno que a expansão das empresas multinacionais, principalmente norte-americanas, que lideravam exportações, além de dominar novas tecnologias da época, que a identidade e práticas culturais foram sendo modificadas ao longo do tempo. As transformações foram sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas, e, desde o final do século XX, os impactos ainda ocorrem, demandando novas formas de pensar, agir e sentir.

Os profissionais em atividade passaram a sentir a necessidade de se adaptar ao novo contexto. Sobre isso, Aranha (2006, p. 89) afirma que:

> No contexto da globalização e da reestruturação produtiva e com esse tipo de mercado de trabalho que se modifica em função do avanço tecnológico incondicional, consequentemente, exigem profissionais capazes e com aptidão intelectual para adaptar técnicas e até mesmo mudar de função ou profissão no decorrer do seu desempenho profissional.

A fala do Pai ao relatar os motivos que o levaram a aprender uma segunda língua reflete uma das alterações oriundas do avanço da internacionalização da economia advinda do fenômeno da globalização. Neste contexto de reestruturação do mercado de trabalho, a exigência de profissionais cada vez mais capacitados demandou o domínio de línguas estrangeiras. Evidencia-se a necessidade como mobilizadora do sujeito, criando uma tensão que busca sua satisfação, ou seja, motivos concretos para a ação.

> **(Pai):** "Não somente pela questão cultural, você saber duas, três, quatro línguas, mas também a abertura de oportunidades no futuro e você poder ter uma experiência internacional, e o próprio mercado de trabalho também. Abre oportunidades no mercado de trabalho."
>
> "Eu vejo por mim, [...] pelos cargos que eu assumia no mercado de trabalho eu via que tinha esse necessidade então era questão de sobrevivência."
>
> "A partir de 2001 houve uma demanda grande, precisei aprender o mais rápido possível."

> “Busquei aprendizados em cursos intensivos para acelerar o processo dada a urgência que o trabalho me impunha.”

> “O que motiva é o fato de saber outro idioma, e no caso saber o inglês, não é um modismo, não é algo de momento, sempre vai ser importante, daqui um ou dois anos. Isso sempre vai ser necessário, e nós precisamos trabalhar muito nisso, e conquistar aquilo que almejamos.”

A visão cognitivista enfatiza que os pensamentos e crenças dos indivíduos são canalizadas em ações e, portanto, explica a motivação e o esforço como fenômeno baseado no poder da auto-recompensa (BROWN, 1994). Existem nomeações distintas de acordo com os motivos que levam o sujeito a motivar-se. A Teoria do Impulso defende que a motivação emerge de impulsos inatos. Já Ausubel (1968) citado por (BROWN, 1994) distingue seus categorias de impulsos que levam o ser humano a ação, sendo a exploração, manipulação, atividade, estímulo, conhecimento e realce do ego. Existe também a Teoria do Autocontrole (BROWN, 1994), a qual acredita que a motivação advém da capacidade do indivíduo em fazer escolhas por si mesmo. No entanto, a Teoria da Hierarquia das Necessidades, compreende que o ser humano se motiva para alcançar objetivos que seja a contento de suas necessidades (MASLOW, 1970).

Percebe-se também que a prática do bilinguismo no ambiente familiar foi vista pelos demais familiares e colegas mais próximos com olhares positivos, contribuindo para que os participantes continuassem engajados e motivados com a prática bilíngue, como apontam os trechos a seguir:

> (S1): Não houve nenhum comentário negativo, nem de familiares nem de pessoas próximas. Basicamente, fora do círculo familiar, comentamos mais com os colegas de trabalho, e pareceu que a receptividade foi bastante legal, e ficaram até impressionados. [...] Quase todos de casa encaram isso com certa naturalidade.

Integrando tais visões apresentadas aqui compreende-se que a motivação e os esforços dos sujeitos apresentam-se como resultado da soma

de fatores internos, de características individuais que interagem com o meio e que os levam ao desejo de aprender uma segunda língua.

Soares (2011, s/ p.) no entanto, afirma que “as necessidades e motivos são configurações mediadas pela relação homem/mundo”. Assim, a fala do sujeito de pesquisa relaciona-se com o exposto pelo autor supramencionado à medida que ele afirma o trabalho passou a exigir um profissional que dominasse o inglês como segunda língua.

Destarte, de acordo com González Rey (2005), o sujeito está inserido em espaços de subjetividade social, sua condição portanto, atualiza-se na tensão produzida a partir das contradições entre a configuração subjetiva e os sentidos subjetivos produzidos e compartilhados nos inúmeros espaços sociais.

Seguindo uma visão que se difere da cognitivista já apresentada neste estudo, Duarte (1993) corrobora com González Rey (2005) ao afirmar que “a atividade vital humana [...] não se caracteriza, como a atividade vital dos animais, pelo simples consumo dos objetos que satisfaçam suas necessidades, mas sim pela produção de meios que possibilitem essa satisfação”. Diante do exposto, a explicação reduzida a uma sucessão cronológica de acontecimentos não seria suficiente para compreender o movimento dos fenômenos e das relações sociais.

As mudanças ocorridas no início do século decorrentes do rompimento das fronteiras pelas empresas nacionais atrelada à formação de novos blocos econômicos foram determinantes para mudanças na sociedade e, por consequência, no ambiente profissional (ARANHA, 2006).

Tais alterações foram vividas e relatadas pelo Pai, nos fragmentos já citados e também em outros momentos da coleta de dados. Desta forma, não se pode negar que a globalização provocou a procura pelo aprendizado de um segundo idioma. De acordo com Sanches, o profissional bilíngue pode receber um salário até 70% maior.

As transformações que estão ocorrendo desde o final do século passado, incluindo avanços científicos relacionados ao uso dos meios de comunicação, expansão da informática, da eletricidade alteraram de modo significativo questões culturais, políticas, econômicas, tecnológicas e sociais. Tais mudanças passaram a requisitar novas formas de agir, de pensar e sentir,

sobretudo no ambiente profissional e familiar, devido às atualizações que dizem respeito a definição de tempo e distância (ARANHA, 2006).

Os efeitos da globalização influenciaram fortemente o mundo do trabalho, já que o Pai passou a buscar cada vez mais maior qualificação profissional, considerando o aumento de concorrência e competição neste ambiente.

De acordo com Pires (2004), na medida em que a preocupação dos pais com o futuro profissional de seus filhos se intensificou, a procura por escolas que disponibilizassem um segundo idioma em sua grade curricular por consequência aumentou juntamente. Destaca-se, pois, que fatores constituintes das experiências vividas pelos pais os condicionaram, diante da realidade histórica em que estava inserido, a possibilitar que seus filhos pudessem também concorrer a vagas no mercado de trabalho.

Tal afirmação relaciona-se com a fala tanto do Pai quanto da Filha, como observa-se a seguir:

> **(Pai):** [...] "senti na própria pele" que hora ou outra o mercado iria te cobrar essa necessidade e quis passar isso pra elas.
>
> "[...] Eu tive que me esforçar muito porque eu já tinha perto de 20 anos de idade quando pelos cargos que eu assumia no mercado de trabalho eu via que tinha esse necessidade então era questão de sobrevivência [...]."

A declaração do Pai expressa a produção de sentido de um sujeito colocado em uma realidade histórica e social que ao longo dos avanços científicos e tecnológicos necessitou adequar-se ao meio. Além disso, demandou uma postura enquanto pai, procurando preparar sua filha para vivenciar aquilo que lhe foi desafiado no passado.

O Pai também afirma ter recebido incentivo de seus familiares para aprender um segundo idioma.

> **(Pai):** "Apesar de o meu pai ter lecionado inglês em colégios, além do português, ele apenas tocava no assunto da importância de aprender idiomas, mas sem muita insistência. E nós, como crianças, não perdíamos a oportunidade de ocupar o tempo só brincando (risos) sempre que podíamos".
>
> "A minha avó paterna era fluente em polonês, e sempre tentava nos "pegar" para ensinar com uma velha cartilha que ela

> possuía dos tempos de Polônia, mas infelizmente (para ela, e, agora para nós), sem êxito."

Essas afirmações vão ao encontro da visão de que dominar a escrita, leitura, compreensão oral e fluência favorece o crescimento cultural, pessoal e profissional, além do econômico, haja vista que o conhecimento de um segundo idioma tornou-se critério para a empregabilidade em diversos setores de atividades (ARANHA, 2006)

Segundo Faquim (2000), dominar um segundo idioma tornou-se pré-requisito também para se conseguir uma vaga como estagiário, apontando que o mercado de trabalho está exigindo cada vez mais no momento da seleção de profissionais. Sobre isso, Aranha (2006, p. 89) citando Schutz (2003, s/p.) afirma que:

> [...] se compararmos a importância de se falar uma língua estrangeira há 50 anos, com a necessidade de hoje de a pessoa ser bilíngue, pode-se facilmente imaginar a ameaça que o monolinguismo representará quando nossos filhos tornarem-se adultos.

Os sujeitos 1 e 2 expressam, através de suas falas, singularidades mediadas pelo social, síntese de múltiplas determinações. Neste sentido, a filha menciona que ter um segundo idioma foi algo que sempre quis:

> **(S2):** "Eu sempre quis aprender inglês principalmente porque serve pra trabalhar, pra viajar. Então como eu converso com meu pai eu acho legal e ele sempre me ajuda
>
> "Além de assistir séries e filmes sempre em inglês querendo conseguir ver sem a legenda, penso no futuro também, em questão de trabalhos [...]."

Portanto, explicita-se a partir de tais declarações revelam em suas expressões o social e o individual. É a subjetividade expressando dimensões do plural.

### 4.1.2 Política Linguística Familiar e One-Parent-One-Language

Assim, considerando o Pai como alguém inserido em um contexto que lhe requisitou, proporcionou o incentivo e a possibilidade de aquisição de uma segunda língua, será abordado com maior enfoque as Políticas Linguísticas Familiares (PLF) adotadas por ele. Em relação ao método OPOL os participantes da pesquisa praticaram o uso da segunda língua pelo menos 20 minutos por dia. O Pai afirmou ter dificuldades em se manter falando apenas o idioma minoritário, voltando para a Língua Inglesa sempre que percebia tal troca.

De acordo com o que foi abordado na introdução desta pesquisa, a PLF refere-se ao planejamento em relação ao uso da língua no contexto familiar Shohamy (2006). Além disso, a PLF reflete as crenças e ideologias dos sujeitos que a implementam, as práticas, o planejamento e o gerenciamento de linguagem (SPOLSKY, 2004, apud KINGLE, LOGAN-TERRY 2008, p. 01).

Para os autores da área, um acordo precisa ser firmado entre os pais da criança, tendo em vista que é uma decisão importante já que apresentam riscos linguísticos, emocionais e psicológicos. Ademais, pode influenciar escolhas profissionais, sociais, culturais. (SAUDERS, 1988; BAKER, 1995; KING, FOGLE, 2008).

> **(S1):** Minha esposa apoiou completamente a experiência, tanto é que quando ela percebe que estamos esquecendo de falar em inglês, ela tende a nos colocar na linha novamente [...]

Percebe-se que o Pai recebe o apoio de sua esposa, a qual, por seu turno, de acordo com ele, também os incentiva a dar continuidade à prática bilíngue em casa. Estudiosos da PLF e da metodologia OPOL destacam a importância de reavaliá-la ao longo do tempo, tendo em vista os impactos que a implementação de uma comunicação em segunda língua pode acarretar para a autoidentidade, sensação de segurança, autoestima, autoconceito, perspectiva de emprego, relacionamento com familiares, *status* que esta criança ocupará, grupos em que ela será inserida. O destino mais importante a discutir são os interesses de longo prazo da criança (BAKER, 1995; SAUDERS,1988). Portanto, neste sentido, a Política de Linguagem Familiar está de acordo com a proposta dos estudiosos citados.

> **(S1):** “Costumamos não falar em outro idioma quando há interação da família reunida. Talvez justamente para preservar esse envolvimento dos demais.”

Constata-se que os cuidadores demonstram os esforços para que nenhum membro da família sinta-se excluído, por isso planejam e gerenciam a linguagem utilizada buscando estarem atentos aos possíveis comportamentos que os distanciem. Mesmo que a técnica *OPOL* seja executada principalmente por um dos cuidadores, ambos são importantes para o desenvolvimento do segundo idioma.

O Pai também expressa sentimentos de insegurança e preocupação em não estar demonstrando seus sentimentos em sua forma mais genuína. Por meio de sua fala, ele declara sentir-se estranho e pouco natural, principalmente no início da prática PLF bilíngue.

> **(S1):** “Era bem estranho e assim permaneceu por uns meses. Depois foi progredindo para algo mais natural. Hoje ainda não está 100% natural, mas estamos quase lá.”
>
> “Esse medo não desapareceu totalmente... Parece que ainda não consegui ignorar o som produzido pelo Português ao expressar sentimentos, talvez esteja vivo como a forma como ouvi desde pequeno e quero retransmitir.”
>
> **(S2):** “Quando ele começou a falar em inglês comigo, eu já tinha feito algumas aulas para aprender algumas palavras, mas não do jeito que a gente estava conversando. No início, achei diferente, muitas coisas que ele falava eu não entendia, mas com o tempo ele foi me falando o que eram as palavras e foi melhorando muito.”

Tal afirmação é também encontrada na literatura que aborda o tema. Observa-se que, durante a fase inicial de implementação da prática, tanto o Pai quanto a Filha consideravam os diálogos um tanto artificiais. Neste sentido, houveram intervenções da pesquisadora para gerar uma regulação entre as expectativas e a realidade do processo de aquisição do segundo idioma no ambiente familiar. Apesar de isto ocorrer com as famílias que passam a praticar o bilinguismo em casa, tal percepção tende a diminuir na medida em que o vocabulário correspondente ao segundo idioma se estende (SAUDERS, 1988).

O cuidador afirma ainda passou a utilizar estratégias para uma melhor adaptação à técnica OPOL. De acordo com ele, de forma leve e bem

humorada, passaram perceber que não estavam praticando o segundo idioma, dessa forma, outra PLF foi de buscar com maior intensidade vigiarem-se para aproveitar os momentos para praticarem o bilinguismo em casa.

> **(S1)**: "Isso é até engraçado, porque aqui em casa isso acontece em ondas, tem momentos que a gente tenta forçar a barra mesmo. Quando ela vem falar alguma palavra em português pra mim eu ignoro, nem olho pra ela mas tudo na brincadeira também."
>
> "Então a gente tenta falar em inglês, nos policiamos, de repente passa tudo aquilo e quando vemos estamos falando em português, mas ai quando percebemos brincamos "olha o foco, olha o foco" e ela me responde "verdade, pai", daí voltamos na linha e tentamos falar inglês somente. "
> .

O Pai também afirma que procura se comunicar com a Filha utilizando o segundo idioma em diferentes circunstâncias. Pode ser considerado mais uma prática da PLF, já que buscam em contextos diferentes dialogar sobre os acontecimentos. Tal afirmação é expressa durante o fragmento a seguir:

> **(Pai):** Deixa eu compartilhar uma nova vivência nossa. Semana passada minha mãe adoeceu e durante esse período eu explorei um novo vocabulário, desconhecido da Filha que seria um vocabulário voltado a doença, hospital, pessoas doentes, procedimentos e tudo mais [...].

Estudiosos do tema chamam atenção para o fato de que mesmo os indivíduos bilíngues praticarem com frequência a segunda língua, não se pode esperar que possuam o mesmo repertório linguístico da língua majoritária, tendo em vista que o mesmo circula por diferentes grupos sociais e possivelmente não serão todos que podem oferecer um diálogo com vocabulário rico (SAUDERS, 1988).

> **(Pai):** "Na verdade nem tudo são flores, fiquei um pouco frustrado porque parece que não houve muito interesse da parte dela, estava bem na dela, pouco participativa, ficou uma situação meio complicada. Na verdade eu não tinha ferramentas, eu não sabia como aumentar o interesse dela, uma vez que já estava desinteressada fica complicado pedir para que ela se interessasse."
>
> "Na verdade eu falava que era interessante ela saber das coisas para ter conhecimento da região, para adquirir cultura. Infelizmente não consegui tirar muito interesse dela em cima

> disso, então a comunicação acabou sendo comprometida e eu acabei ficando frustrado."

Pode-se afirmar que o Pai é atravessado não apenas pela dimensão cognitiva mas também pela afetiva. O desejo de que os filhos conheçam e pertençam a duas ou mais cultura é algo que se manifesta há gerações na família do Pai. Como exposto a seguir, ele afirma que teve um contato inicial com o idioma Polonês enquanto criança. Sobre isso, Baker (1995, p.12) afirma que "os pais estão ao mesmo tempo, passando para a criança parte do seu passado e da sua herança". Posteriormente, o entrevistado afirma ter recebido grande incentivo de seu pai, professor de português e inglês.

Durante a vida adulta, de acordo com o que foi apresentado na categoria intitulada *Motivações e esforços*, o participante da pesquisa precisou adequar-se às demandas advindas da atualização no mundo do trabalho. Viu-se em uma situação que lhe solicitava mudanças imediatas para ter condições de adequar-se às exigências.

No entanto, anos depois, ainda entendendo a importância da aquisição da segunda língua diante das situações desafiadoras que passou e das ocasiões afetivas que viveu no passado com familiares, viu a oportunidade de construir um laço que proporcionasse, também, adição de conhecimento para ambos. Neste sentido, contata-se por meio da fala do Pai a intenção de se aproximar da Filha de modo semelhante aos seus antepassados.

> **(Pai):** Estou entrando no mundinho da Filha (risos). Estou focando em assuntos do dia dela, como escola, trabalhos, edições no celular, etc. Também fomos ao cinema e conversamos a respeito do filme.
>
> **(Filha):** Estávamos conversando bastante na semana passada pra assistir filmes. Convidei ele pra assistir, na primeira vez colocamos o áudio em inglês e a legenda em inglês. Depois vamos colocar o áudio em inglês e as legendas também e depois só com o áudio em inglês.

Ao mesmo tempo em que buscava maior aproximação da filha, passou a oferecer-lhe também a transmissão cultural da segunda língua que já era fluente. Ademais, nota-se por meio de sua fala que é um Pai possui acesso a uma realidade social que preza pela cultura e pelo conhecimento. Ele dedica-se a proporcionar aquilo que lhe é importante para a Filha.

> **(Pai):** Durante o feriado nós fomos para a região dos Campos Gerais para conhecer a Colônia Alemã e Holandesa, para ver a cultura deles e minha expectativa era de ir conversando com a Filha desde a viagem, no carro, falando alguma coisa sobre o contexto histórico ou paisagem também, colocando mais vocabulário voltado a isso.
>
> **(Filha):** Estávamos conversando bastante na semana passada pra assistir filmes. Convidei ele pra assistir, na primeira vez colocamos o áudio em inglês e a legenda em inglês. Depois vamos colocar o áudio em inglês e as legendas também e depois só com o áudio em inglês

Acerca disso, Baker (1988) afirma que o bilinguismo oferece oportunidade de experimentar duas ou mais culturas. No entanto, ele alerta que nem sempre uma pessoa que domina mais que um idioma pertence e vivencia plenamente as culturas de cada uma das línguas. Para ele é possível que um bilíngue seja considerado bicultural, porém a combinação de ambas as culturas deve ser complexa. Conhecer falantes nativos dos idiomas falados, participar de eventos culturais, festivais tradicionais, reuniões religiosas e conhecer esportes típicos da região do segundo idioma, permite o desenvolvimento cultural da língua e dos costumes estrangeiros.

Com o acesso constante a mundos diferentes, os indivíduos podem se desenvolver e se adaptar em situações de interação entre culturas. Por fim, vale destacar que indivíduos biculturais possuem a chance de construir pontes entre grupos étnicos e culturas (DIZEU, CAPORALI, 2005). Percebeu-se através da análise dos núcleos de significação que é possível oferecer e implementar uma Política Familiar Linguística que utilize o método “OPOL”, quando os pais e cuidadores podem propiciar um ambiente positivo, sem altas expectativas e exigências a respeito do seu desempenho e de seus filhos. Para que isso seja possível, é relevante receber apoio e suporte nos momentos mais desafiadores para que a prática tenha maiores chances de êxito.

### 4.1.3 Afeto e aprendizagem

A partir do fragmento da fala do Pai, manifesta-se o seu ponto de vista em relação ao grau de importância do desenvolvimento da escuta e do diálogo

entre eles, não apenas a leitura e a escrita. O pai não desconsidera a importância do desenvolvimento destas outras competências, no entanto, sua fala expressa a sua ideologia e o seu desejo de se aproximar da filha utilizando o seu segundo idioma.

> (S1): Este era um ponto, que era e tem sido negativo, porque, na escola de idiomas, o foco é escrita e leitura, não conseguíamos trocar ideias, era apenas troca de algumas palavras e expressões, nada complexo.

Além disso, ele expressa preocupação em estabelecer um diálogo e não apenas um monólogo. “O que eu vi que progrediu bastante, é que ela entende muito bem o que eu falo pra ela, o que tem sido um pouco lento é ela responder, ela se expressa um pouco mais em inglês, mas ela ainda entende mais do que ela fala” (Pai). Tal acontecimento é também encontrado na literatura disponível sobre o tema, sendo considerado uma fase normal do desenvolvimento do bilinguismo (SAUDERS, 1988).

Sendo assim, a maneira com que Pai se posiciona diante do desejo em dialogar com a filha na segunda língua está em consonância com autores da área, como Baker (1995), o qual afirma que a qualidade da interação é relevante para o progresso da linguagem e da comunicação. Neste sentido foi perceptível o engajamento do pai ao se interessar em conhecer e compreender a fase de aprendizado da filha, como aponta a sua fala:

> **(Pai)**:Como eu levava e buscava a Filha na escola de idiomas, eu sempre perguntava o que ela tinha aprendido naquele dia, que assuntos haviam abordado na aula de inglês, tentava puxar alguma história, tentava forçar um pouquinho a mais, mas sem nenhuma cobrança severa, era mais para participar do processo dela, com perguntas em inglês e tentando entrar no assunto que ela tinha visto no dia.

Em outro momento, a Filha afirma que se sente confortável em falar com seu pai utilizando o segundo idioma ao afirmar “Eu não me sinto desconfortável em falar com meu pai porque eu sei que se eu errar meu pai está aqui pra me ajudar”. Sauders (1988) enfatizou que a linguagem em aquisição não assumisse qualquer conotação negativa, principalmente com crianças, tendo em vista que pode ocorrer frustração e desistência da mesma em praticar a segunda língua. Desarte, em outros momentos o ensino com afeto fica exposto

pela forma com que o Pai administra erros por parte de sua filha durante a prática da Língua Inglesa, pois ele afirma que a filha frequentemente mescla os idiomas mas que tratam isso naturalmente. Os familiares compreendem que é esperado o fato ocorrer “já que está adquirindo vocabulário” (Pai).

Finalizada a discussão analítica, o capítulo seguinte traça as considerações finais, retomando as hipóteses de pesquisa, de modo a ressaltar de foram atestadas ou não, além de explicitar algumas limitações da pesquisa de estudo de caso aqui realizada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos resultados mencionados no capítulo anterior, pretendemos aqui sumarizar os pontos essenciais e correlacionar o que encontramos com as hipóteses apresentadas na Introdução. Retomamos, também, quais foram as motivações apresentadas pelos sujeitos da pesquisa para a escolha de introduzir a segunda língua no ambiente familiar.

A hipótese principal dizia respeito à ideia de que a proficiência em línguas é crucial para um futuro pessoal e profissional próspero. Quanto a essa suposição, mostra-se verdadeira, tendo em vista que a família demonstra ideologias voltadas ao ensino de línguas ligadas ao sucesso, no entanto, é importante ressaltar que esta não foi a única motivação que os levou a tal escolha. O pai afirma sim ter o desejo de possibilitar à filha algo que lhe foi urgentemente demandado pelo mercado de trabalho, para que pudesse assegurar sua ocupação. Contudo, o desejo de se aproximar e fazer parte da vida dela de maneira mais assídua, tendo momentos de qualidade e interações positivas também se constituem como motivos para ter continuado com a prática, mesmo tendo enfrentado situações desafiadoras na introdução da técnica OPOL.

A família tem como objetivo oferecer acesso à arte, aos costumes, conhecimentos e crenças relativas ao idioma escolhido para a prática do bilinguismo, mas não apenas isso, visto que buscam promover passeios que permitem o conhecimento da cultura de povos imigrantes, de acordo com o que

exposto pelo pai. Tais escolhas têm como pano de fundo a motivação em oferecer conhecimento, lazer e momentos de afeto. Apesar de não serem mencionadas pelo pai as vantagens cognitivas que indivíduos bilíngues podem apresentar, sabe-se que é um dos caminhos para o aperfeiçoamento das funções cognitivas, pensamento criativo, empatia com grupos sociais distintos e o retardar o aparecimento de sintomas decorrentes de doenças demenciais (ADI-JAPHA et al., 2010; ANTONIOU, et al. 2015; BIALYSTOL et al., 2004, 2007; CUMMINS, 1978).

Percebe-se, ademais, que, depois de adulto, o Pai passou a dar sentido às tentativas de sua avó de que ele e seus familiares adquirissem a língua polonesa, considerando que a mesma era imigrante do país europeu. Ele lamenta não ter absorvido a importância naquele momento, mas guarda de modo emocionado as lembranças do tempo remoto. Apesar de a língua inglesa não ser o idioma do país de sua avó, o pai busca transmitir o seu conhecimento para a filha, o que pode significar a sua herança intelectual para ela.

No que se que se refere à hipótese de se que práticas linguísticas familiares poderiam conduzir a frustrações tanto da filha quanto dos cuidadores, constatou-se que haviam ocorrências ligadas à autocobrança de sua performance enquanto pai, já que afirmou acreditar na importância de ser mais disciplinado nos momentos em que percebia o uso da língua materna com sua filha. Para ele, a comunicação em outro idioma foi percebida através de seus discursos, configurando-se como um ponto de dificuldade, ao mesmo tempo em que demonstra preocupação em adequar-se à técnica em seu sentido estrito.

Caso a dificuldade não fosse abordada como algo esperado, tendo em vista que a mudança de hábitos linguísticos e a aquisição de novas políticas linguísticas familiares não ocorrem de forma instantânea, o risco de desistência teria sido aumentado. Durante o acompanhamento realizado com a família, foi possível regular a expectativa alta e não condizente com a realidade, já que a implementação de políticas linguísticas privadas ocorre num processo contínuo, e a adaptação total à técnica pode ser mais demorada do que se imagina. Se não houvesse um equilíbrio entre expectativa e realidade, frustrações poderiam provocar um ambiente de altas exigências e, portanto, desestimulante, tanto para o pai quanto para a filha.

Outra hipótese levantada no início desta pesquisa era de que a estratégia “OPOL” poderia oferecer um guia prático e eficaz para a introdução do segundo idioma para crianças inseridas em um ambiente familiar que um dos cuidadores é bilíngue. Em relação à eficácia desta metodologia, acredita-se que possui suas vantagens, mas também suas limitações. No tangente às vantagens, podemos elencar, de acordo com o que foi encontrado, que a técnica auxilia os cuidadores e os aprendizes a lembrarem-se do combinado. Observamos que, no caso desta família, a prática era sentida como algo positivo e que proporcionava momentos de lazer afetuosos, proporcionando lembranças singulares. As técnicas foram visualizadas como um norte a ser seguido, ao mesmo tempo em que foram utilizadas com alguma rigidez, como no exemplo já exposto, em que o pai passou a se autocobrar para executá-la de modo rigoroso e sem contar com possíveis deslizes.

Por fim, acreditávamos que, em algum momento, iriamos encontrar dificuldades relacionadas a preconceitos pela escolha da implementação de uma nova política linguística familiar, no entanto, isso não foi visualizado em nenhum momento do discurso, tanto da filha quanto do pai. Contudo, tal hipótese não foi confirmada justamente pela escolha do idioma ser a língua inglesa, já que se trata de uma língua que é, de modo geral, associada aos conceitos de sucesso. Outras pesquisas da área têm apontado que famílias que decidem ensinar sua língua de herança têm sofrido preconceito linguístico, principalmente se a língua for vista com desprestígio pela sociedade (MOZZILLO, SPINASSE, 2020).

Evidencia-se, por meio de suas narrativas, aquilo que não foi dito, através da aproximação das zonas de sentido e significações diante de suas condições histórico-sociais que os constituem. Em consonância com o exposto, Rey (2003, p. 207) declara que “as ações dos sujeitos implicados em um espaço social compartilham elementos de sentidos e significados gerados dentro desses espaços, os quais passam a ser elementos da subjetividade individual”. Dessa forma, compreende-se que tais necessidades transformaram-se em motivos.

Afirma-se que a expansão do conhecimento da segunda língua, neste caso, a língua inglesa, a qual é utilizada pela família acompanhada, pode ser considerada um caminho que concede autonomia e capacitação para ser

utilizada ao favor da defesa dos valores e opiniões relacionadas à cultura nativa dos próprios falantes. Trata-se de uma maneira de transformar a realidade imposta pelo contexto social e econômico não de maneira naturalizante, mas a oportunidade de organizar experiências em vivências afetivas e cognitivas, além de se praticar o bilinguismo com consciência.

Neste sentido, a presente pesquisa teve também como objetivo contribuir para a disseminação do conhecimento a respeito das Políticas Familiares Linguísticas que podem ser implementadas, desde que com bom senso e, se possível, com acompanhamento de profissionais capacitados, da mesma forma em que a técnica OPOL demonstrou, através deste estudo, uma forma promissora de PLF.

Pesquisas futuras possuem a oportunidade de se aprofundar na perspectiva das questões ideológicas e na interpretação de sentidos determinadas pelo contexto imediato, sócio-histórico-ideológico e crenças historicamente construídas.

Além disso, existem apenas estudos estrangeiros a respeito da expressão das emoções utilizando o segundo idioma adquirido. Fica, então, o questionamento: a partir de que momento a expressão de sentimentos e emoções utilizando o segundo idioma pode ser considerada tão genuína quanto a expressão utilizando a língua materna?

Ademais, pesquisas com outras famílias que utilizam OPOL como uma PLF também poderão ser feitas e acompanhadas por um período de tempo maior, para que as lacunas deste estudo sejam preenchidas.

## 6 REFERÊNCIAS


ALTENHOFEN, C. V. Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista internacional de lingüística iberoamericana**, v. 2, n. 1 (3, p. 83-93, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41678200>. Acesso em: 17 jan 2021.

ANTONIOU, M. The advantages of bilingualism debate. **Annual Review of Linguistics**, v. 5, p. 395-415, 2019. Disponível em: < https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-linguistics-011718-011820>. Acesso em: 27 fev 2020.

ARANHA, M. B. R. et al. Os impactos da globalização e da reestruturação produtiva no mundo do trabalho: a exigência da Língua Inglesa como competência técnica no mercado de trabalho no Maranhão. 2006.

ARAÚJO, C. M. de; OLIVEIRA, M. C. S. Lopes de. Significações sobre desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo. **Educação em Revista**, v. 26, n. 3, p. 169-193, 2010. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/edur/a/PXSJZTSk8p8JGZCp6jLzzsr/?lang=pt.>. Acesso em: 23 ago 2021.

BAKER, C. A Parents' and Teachers' Guide to Bilingualism Bilingual Education and Bilingualism. **Multilingual Matters**, 1995.

BARAC, R et al. The cognitive development of young dual language learners: A critical review. **Early childhood research quarterly**, v. 29, n. 4, p. 699-714, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0885200614000088> Acesso em: 25 nov 2020.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. [tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro]. -4.ed. - Lisboa : Edições 70, 281 p. :il. 2010.

BARRON-HAUWAERT, S. **Language strategies for bilingual families.** Multilingual Matters, 2004.

BERGAMASCHI, M. C. Z. Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas. 2014. Disponível em: < https://repositorio.ucs.br/handle/11338/180>. Acesso em: 21 mar 2020.

BIALYSTOK, E. ET AL. Bilingual Minds. **Psychological Science In The Public Interest**, V. 10, N. 3, 2009. p. 89–129.

BIALYSTOK, E. Acquisition Of Literacy In Bilingual Children. **Language Learning Language Learning Research Club**, V. 57, N. 1, 2007. P. 45–77.

BIALYSTOK E, CRAIK FIM, FREEDMAN M. Bilingualism as a protection against the onset of symptoms of dementia. **Neuropsychologia** 45:459–64, 2007. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0028393206004076?via%3Dihub>. Acesso em: 22 out 2020.

BLOOMFIELD, L. Language. Holt: New York, 1933. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/408741>. Acesso em: 08 fev 2021.
BRITO, N; BARR, R. Influence of bilingualism on memory generalization during infancy. Developmental science, v. 15, n. 6, p. 812-816, 2012. Disponível em: < https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-7687.2012.1184.x>. Acesso em: 19 nov 2020.

BUTLER, Y. G.; HAKUTA, K. **Bilingualism and Second language Acquisition**. In: BHATIA, T.K.; RITCHIE, W.C. The Handbook of Bilingualism. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.

_____. **Cartesian linguistics**: a chapter in the history of rationalist thought. Edited by James McGilvray. 2 th ed. New Zealand: Cybereditions, 2002.

BROWN, H.D. Teaching by Principles An Interactive Approach to Language Pedagogy. Prentice Hall Inc. USA. 1994.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003>. Acesso em 12 nov 2021.

COOK, V. **Effects of the second language on the first, multilingual matters, second language acquisition series,** 2003.

CORREA, L. M. S. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, p. 339-383, 1999 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501999000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CUMMINS, J; MULCAHY, R. Orientation to language in Ukrainian-English bilingual children. Child development, p. 1239-1242, 1978. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/1128769>. Acesso em: 25 abr 2020.

DEMPSTER F. N. The rise and fall of the inhibitory mechanism: Toward a unified theory of cognitive development and aging. Developmental Review 1992; 12: 45–75

DIZEU, L. C. T. de B. CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Educação & Sociedade, v. 26, p. 583-597, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LScdWL65Vmp8xsdkJ9rNyNk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10 ago 2021.

DOPKE, S. One parent one language. An interactional approach. Philadelphia, PA: **John Benjamins**, 1992.

DO¨PKE, S. Can the principle of 'one person_one language' be disregarded as unrealistically elitist? **Australian Review of Applied Linguistics** 21 (1), 41_56, 1998.

DUARTE, N. A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associado,1993.

FAQUIM, J. **O mercado de trabalho.** Gestão Plus, n. 12. Jan/Fev. 2000.

FANTINI, A E. **Language Acquisition of a Bilingual Child: A Sociolinguistic Perspective (To Age Ten**). Multilingual Matters 17. Multilingual Matters Ltd., Bank House, 8a Hill Road, Clevedon, Avon BS21 7HH, England, United Kingdom (hardcover: ISBN-0-905028-40-6; paperback: ISBN-0-905028-39-2)., 1985.

FASOLD, R. Sociolinguistics of Language. Oxford: Blackwell, 1990.

FISHMAN, J. A. Language problems and tyoes of political and sociocultural integration: A conptual postcript; In Joshua A. Fischman, Charles A. Ferguson e Jyotirindra das Gupta. **Language Pronblems Of Development Nations**. New York: Jonh Wiley and Sons. 491 – 498. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED025739>. Acesso em: 17 jul 2020.

FURLAN, R.; BOCCHI, J. C. O corpo como expressão e linguagem em merleau-ponty. **Estud. Psicol**. Natal, v. 8, N. 3, P. 445-450, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1413-294x2003000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2019.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. unesp, 1991.

GLEASON, J. B. Code switching in children's language. In: **Cognitive Development and the Acquisition of Language** New York: Academic Press, 1973.

GLEASON, J. B. The development of language, 6/e. 2005.
GODOI, A. S.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, AB da. Pesquisa qualitativa nas organizações: paradigmas estratégias e métodos. **São Paulo: Saraiva**, 2006.

GONZÁLEZ R., F. L. Sujeito e Subjetividade: umaaproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson. Heller. O Cotidiano e a História. Rio deJ aneiro: Paz e Terra, 2005.

GROSJEAN, F. **Life with two languages:** An introduction to bilingualism. Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, F. The bilingual a competent but speaker-fearer. **Journal of multilingual and multicultural development**, v. 6, p. 467-477, 1985.

HAUGEN, E. 1953. The Norwegian language in America: A study of bilingual behavior. philadelphia: university of Pennsylvanina Press.
HARRISON, G; BELLIN, W; PIETTE, B. **Bilingual Mothers in Wales and the Language of their Children**. University of Wales Press, 1981.

HORNBERGER, N. H. Language ideology in Quechua communities of Puno, Peru. **Anthropological linguistics**, p. 214-235, 1988. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30027980>. Acesso em 12 mai 2019.

HOUWER, A, D. Bilingualism and Migration, Chapter: Environmental factors in early bilingual development: the role of parental beliefs and attitudes, Publisher: **Mouton de Gruyter**, Editors: G. Extra & L. Verhoeven, pp.75-95, 1999. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/284550622_Environmental_factors_in_early_bilingual_development_The_role_of_parental_beliefs_and_attitudes>. Acesso em: 11 jan 2020.

JAPIASSU, H. A questão da interdisciplinaridade. **Seminário internacional sobre reestruturação curricular**. Secretaria Municipal de Educação, Porto Alegre, 1994.

JUAN-GARAU, M.; PÉREZ-VIDAL, C. Mixing and pragmatic parental strategies in early bilingual acquisition. **Cambridge University Press**. 59-86, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0305000900004591>. Acesso em: 10 fev 2020.

KASUYA, H. Determinants of language choice in bilingual children: The role of input. **International Journal of Bilingualism**, v. 2, n. 3, p. 327-346, 1998. Disponível em: <

https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/136700699800200304>. Acesso em 14 nov 2020.

KING, K. A.; FOGLE, L. Bilingual Parenting as good Parenting: Parents' perspectives on family language policy for additive bilingualism. International Journal of Bilingual Education and Bilingualism, 9:6, 695-712, 2006. Disponível em:<https://doi.org/10.2167/beb362.0> Acesso em: 09 fev 2020.

KING, K. A.; FOGLE, L.; LOGAN-TERRY, A. Family Language Policy. **Language and Linguistics Compass:** 10.1111/j.1749-818x.2008.00076.x, 2008. Disponível em: < https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1749-818X.2008.00076.x>. Acesso em 15 ago 2020.

KOTIK-FRIEDGUT, B. Development of the Lurian Approach: A Cultural Neurolinguistic Perspective. **Neuropsychology Review**, vol. 16, nº. 1, 2006.

KOVÁCS, Ágnes Melinda; MEHLER, Jacques. Cognitive gains in 7-month-old bilingual infants. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 106, n. 16, p. 6556-6560, 2009. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/106/16/6556.short>. Acesso em: 27 nov 2020.

KOWOLL, M. E.; DEGEN, C.; GORENC, L. K.; UNTZELMANN, A.; FELLHAUER, I.; Bilingualism as a contributor to cognitive reserve? Evidence from cerebral glucose metabolism in mild cognitive impairment and Alzheimer's disease. **Psychiatry**, 7:62, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27148091/>. Acesso em 02 set 2020.

LANZA, E. Language mixing in infant bilingualism: a sociolinguistic perspective. Oxford: **Oxford University Press**, 1997.

MACKEY, William. The Description of Bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. **Leading in the sociology of language**. 3. ed. The Hague, Mouton, 1972. p. 554 e 555.

MARTIN-RHEE, M. M.; BIALYSTOK, E. The development of two types of inhibitory control in monolingual and bilingual children. Bilingualism: language and cognition, v. 11, n. 1, p. 81-93, 2008. Diposnível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/bilingualism-language-and-cognition/article/abs/development-of-two-types-of-inhibitory-control-in-monolingual-and-bilingual-children/303430BA7FA8296F32DFD02FD48E8721>. Acesso em 24 mar 2020.

MASLOW, A. D. **Motivation and Personality**. Harper & Row publishers. New York, 1970.

MCTEAR, M. F. Developing conversation in young children. **Child Language Teaching and Therapy**, v. 1, n. 2, p. 162-171, 1985. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/026565908500100204>. Acesso em:18 nov 2020.
.

MÉTRAUX, R. W. A study of bilingualism among children of US-French parents. **The French Review**, v. 38, n. 5, p. 650-665, 1965. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/384598>. Acesso em 24 mar 2020.

MINAYO, M.C.S**. Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MOZZILLO, I; PUPP SPINASSÉ. Políticas linguísticas familiares em contexto de línguas minoritárias**. Linguagem & ensino. Pelotas, RS. Vol. 23, n. 4 (out./dez. 2020)**, p.[1297]-1316, 2020. Disponível em: < https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/221216>. Acesso em 29 jan 2021.

OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina. Contribuições da perspectiva histórico-cultural de Luria para a pesquisa contemporânea. Educ. Pesqui., São Paulo , v. 36, n. spe, p. 107-121, Apr. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov 2020. http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022010000400009.

PEAL, E.; LAMBERT, W. E. The relation of bilingualism to intelligence. **Psychological monographs: general and applied**, V. 76, N. 27, 1962. P. 1–23.

PINHO, I. C. Diversidade linguística e Identidade: as microdecisões na manutenção/perda de uma língua materna minoritária. **Revista Contingentia**, Vol. 3, No. 1, 78–94, 2008. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/4159/2200>. Acesso em: 20 fev 2020.

POARCH, G. J.; VAN HELL, G. Executive functions and inhibitory control in multilingual children: Evidence from second-language learners, bilinguals, and trilinguals. **Journal of experimental child psychology**, v. 113, n. 4, p. 535-551, 2012. Disponível em: < https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0022096512001245>. Acesso em: 18 ago 2020.

RICENTO, T. Historical and theoretical persperctives in language policy and planning. Journal of Sociolinguistics, 196, 2013, 2000. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9481.00111> Acesso em: 27 set 2020.

RODRIGUES, L. R.; ZIMMER, M. C. Bilingualism and inhibitory control: Possible confounds with the variables “profession” and “level of education”. **Calidoscópio**, v. 13, n. 1, 2015. p. 104–112.

RONJAT, J. **Le développement du langage observé chez un enfant bilingue**. H. Champion, 1913.

ROSELLI, M.; IDALY, V.ARDILA, A. Emotional Associations of Words in L1 and L2 in Bilinguals. In: Ardila, A; CIESLICKA, A. B.; HEREDIA, R. R.; ROSELLI, M.

(org.). Psychology of Bilinguism: The Cognitive and Emocional World of Bilinguals. Springer, 2017. P. 39-70.

SANTOS, E. S. DE S. E. O Ensino da língua inglesa no Brasil. Babel: **Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, v. 1, n. 1, p. 39-46, 10 dez. 2012.

SARMENTO, Simone. Ensino de cultura na aula de língua estrangeira. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** – ReVEL. V. 2, n. 2, março de 2004. Disponível em: < http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_2_ensino_de_cultura_na_aula_de_lingua_estrangeira.pdf >. Acesso em 20 fev 2020.

SAUNDERS, G. **Bilingual Children**: from birth to teens. 2 em ed. Multilingual matters limited. Philadelphia. 1988.

SIR`EN, U. **Minority language transmission in early childhood:** parental intention and language use. Unpublished doctoral dissertation, Stockholm University, Institute of International Education, 1991.

SCOPEL, R. R., SOUZA, V. C., LEMOS, S. M. A. A influência do ambiente familiar e escola na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: Revisão da Literatura. Rev. CEFAC. 2012 Jul-Ago; 14(4):732-741. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462012000400018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov 2020.

SCHWEIZER TA, WARE J, FISCHER CE, CRAIK FIM, BIALYSTOK E. Bilingualism as a contributor to cognitive reserve: evidence from brain atrophy in Alzheimer's disease. Cortex 48:991–96, 2012. Disponível em: < https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21596373/>. Acesso em: 09 ago 2020.

SCHNEIDER, M. N. Atitudes e concepções lingüísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngües alemão-português do Rio Grande do Sul. 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13098>. Acesso em: 11 nov 2020.

SHOHAMY, E. **Language policy**: hidden agendas and new approaches. New York, NY: Routledge, 2006.

SCHÜTZ, R. E. **O Inglês como Língua Internacional**. English Made in Brazil https://www.sk.com.br/sk-ingl.html>

Fonte: English Made in Brazil - https://www.sk.com.br/sk-ingl.html. Online (data do acesso). Fonte: English Made in Brazil - https://www.sk.com.br/sk-ingl.html

SILVA, G. P. da. **Desenho de Pesquisa**. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública. (Enap), 2018. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4056344/mod_resource/content/1/Livro_Desenho%20de%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 27 jun 2020.

SOARES, J. R. et al. Atividade docente e subjetividade: sentidos e significados constituídos pelo professor acerca da participação dos alunos em atividades de sala de aula. 2011.

SPOLSKY, B. **Language policy**. Cambridge University Press, 2004.

SPOLSKY, B. Family language policy–the critical domain. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, v. 33, n. 1, p. 3-11, 2012.

SZRAMEK-KARCZ, S. The success of non-native bilingualism in Poland. 2016.

TAESCHNER, T. The Sun is Feminine. A Study of Language Acquisition in Bilingual Children. Volterra, V. and T. Taeschner. 1978. The acquisition and development of language by bilingual children. **Journal of Child Language** 5. 311-326, 1983.

TSE, C; ALTARRIBA, J. The relationship between language proficiency and attentional control in Cantonese-English bilingual children: evidence from Simon, Simon switching, and working memory tasks. **Frontiers in psychology**, v. 5, p. 954, 2014. Disponível em: <>. Acesso em 22 ago 2020.

WEINREICH, U. The Russification of Soviet minority languages. **Probs. Communism**, v. 2, p. 46, 1953. Disponível em: < https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/probscmu2&div=58&id=&page=>. Acesso em: 12 nov 2020.

WILSON, R. S., BOYLE, P. A., YANG J, JAMES, B. D; BENNETT, D. A. Early life instruction in foreign language and music and incidence of mild cognitive impairment. **Neuropsychology** 29:292–302, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25110933/>. Acesso em: 28 nov 2020.

YAMAMOTO, M. **Language use in interlingual families:** A Japanese–English sociolinguistic study. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

YIN, R. K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. Bookman editora, 2005.

ZENTELLA, A. Latino youth at home, in their communities, and in school: The language link. **Education and Urban Society**, v. 30, n. 1, p. 122-130, 1997. Disponível em: < https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0013124597030001008?journalCode=eusa>. Acesso em: 07 mai 2019.

ZIERER, E. Experiences in the bilingual education of a child of preschool age**.** **International Review of Applied Linguistics**. 15 (2). 143-149 197.

ZIMMER, M. C.; FINGER, I; SCHERER, L.. Do bilingüismo ao multilingüismo: intersecções entre a psicolingüística e a neurolingüística. **Revista virtual de estudos da linguagem-ReVEL**. Novo Hamburgo, RS. Vol. 6, n. 11 (ago. 2008), p. 1-28, 2008.

# 7 ANEXOS

## 7.1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO**
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP**
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – COMEP**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezado(a) Colaborador(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa Bilinguismo aditivo: um estudo de caso de parentalidade bilíngue não nativa em uma família, sob a responsabilidade de Analine Badotti Batista, que irá investigar como ocorre a prática bilíngue em famílias bilíngues português-inglês, nos casos em que um dos pais interage com o filho utilizando apenas a segunda língua, com a intenção de ensiná-lo um idioma. A inexistência de pesquisas acadêmicas brasileiras a respeito de políticas linguísticas de famílias bilíngues, viabilizou a elaboração desta pesquisa.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo COMEP/UNICENTRO.

| **DADOS DO PARECER DE APROVAÇÃO** |
| --- |
| emitido Pelo Comitê de Ética em Pesquisa, COMEP-UNICENTRO |
| Número do parecer: (inserir após aprovação do projeto pelo COMEP, para entregar ao |

| |
|---|
| participante)<br>Data da relatoria:___/____/201___ |

1. **PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**: Ao participar desta pesquisa, a pesquisadora entrará em contato com você no dia e no horário anteriormente combinado realizar uma entrevista inicial, com o objetivo de compreender como tem ocorrido a prática bilíngue em casa com seu filho. Em seguida, a pesquisadora entrará em contato com seu filho buscando entender o olha dele sobre a prática. Posteriormente, combinarão qual o melhor dia e horário para compartilhar semanalmente com a pesquisadora situações ocorridas durante a semana, possíveis dúvidas ou dificuldades. Caso esta rotina de diálogos com a pesquisadora venha a causar sobrecarga aos participantes, os mesmos podem sentir-se à vontade para demonstrar tal desconforto, assim será possível realizar ajustes para que a pesquisa possa ocorrer de forma a não prejudica-lo.

   Lembramos que a sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir, em qualquer momento, mesmo após ter iniciado as entrevistas (de forma remota) sem nenhum prejuízo para você.

**2. RISCOS E DESCONFORTOS**: Os procedimentos utilizados, como as entrevistas poderão trazer algum desconforto como por exemplo ansiedade leve. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo de que são o tomar o seu tempo ao responder as perguntas referentes a prática bilíngue em casa e também e invadir a privacidade familiar. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, entraremos em contato com quando você se sentir confortável e apenas nos horários disponibilizados, além de que ficaremos atentos aos sinais verbais e não verbais de desconforto. Se você precisar de algum tratamento, orientação, encaminhamento etc, por se sentir prejudicado por causa da pesquisa, ou sofrer algum dano decorrente da mesma, o pesquisador se responsabiliza por prestar assistência integral, imediata e gratuita.

**3. BENEFÍCIOS**: Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de promover a difusão do tema e disseminar conhecimento aprofundado e científico a respeito das práticas linguísticas de famílias bilíngues contendo a experiência real de sujeitos interessados pelo tema, além de poder facilitar a aprendizagem de um idioma estrangeiro em contextos em que a exposição de uma segunda língua ocorre em casa. A família participante da pesquisa receberá sugestões e orientações baseadas em

estudos científicos de como melhorar a prática bilíngue em casa, além de receber materiais redigidos pela pesquisadora e também de conteúdos educativos que exploram a experiências de outros sujeitos com o mesmo objetivo.

**4. CONFIDENCIALIDADE**: Todas as informações que o(a) Sr.(a) nos fornecer ou que sejam conseguidas através das entrevistas serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas e dados pessoais ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum documento nem quando os resultados forem apresentados, caso não seja de seu interesse..

**5. ESCLARECIMENTOS:** Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.
**Nome do pesquisador responsável:** Analine Badotti Batista
**Endereço:** Rua Vicente Machado, 1943, Centro, Guarapuava.
**Telefone para contato: (**42) 99980-8262
**Horário de atendimento:** 8h às 18h

**6. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS:** Caso o(a) Sr.(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira.

**7. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO:** Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, em **duas vias**, sendo que uma via ficará com você.

==========
==

**CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO**

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr. (a)_____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Guarapuava, _____ de _____ de _____.

_____

Assinatura do participante / Ou Representante legal

_____

Assinatura do Pesquisador

## 7.2 TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE (MAIORES DE 6 ANOS E MENORES DE 18 ANOS)

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO**
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP**
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – COMEP**

**Termo de assentimento para criança e adolescente (maiores de 6 anos e menores de 18 anos)**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **"**Bilinguismo aditivo: um estudo de caso de parentalidade bilíngue não nativa em uma família**"**. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos compreender e acompanhar o desenvolvimento de uma segunda língua em crianças e como ocorre a experiência bilíngue em sua família, além de analisar a política linguística familiar. A intenção é também de oferecer suporte técnico diante de possíveis dúvidas da família.

As crianças que irão participar desta pesquisa têm de 9 a 12 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita através do aplicativo de conversa Whats App onde a mesma poderá responder de acordo com sua disponibilidade e acompanhada da presença dos pais. Para isso, será usado/a um roteiro semiestruturado). O uso do questionário semiestruturado é considerado seguro, mas é possível ocorrer desconforto já que pode eliciar, em um primeiro momento, ansiedade já que pode ser a primeira experiência da mesma como participante de uma pesquisa científica ou mesmo por não saber quais serão as perguntas do questionário. Outro desconforto pode ser o de sentir que sua privacidade está sendo invadida ao perguntarmos sobre os momentos de interação familiar utilizando a segunda língua.

Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, entraremos em contato com você apenas nos horários disponibilizados, além de que ficaremos atentos aos sinais

verbais e não verbais de desconforto. Se você precisar de algum tratamento, orientação, encaminhamento etc, por se sentir prejudicado por causa da pesquisa, ou sofrer algum dano decorrente da mesma, o pesquisador se responsabiliza por prestar assistência integral, imediata e gratuita.

Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones (42) 99980-8262 / (41) 99922-3008 da pesquisadora Analine Badotti Batista e professor orientador Plínio Marco de Toni.

Mas há coisas boas que podem acontecer como por exemplo a contribuição para que outras pessoas também conheçam técnicas eficazes para aprender uma segunda língua em casa, com os pais. Além do mais, enviaremos sugestões e orientações baseadas em estudos científicos para facilitar a prática de vocês em casa.

A princípio você não precisará se descolar para outro locar para que a pesquisa seja realizada, no entanto, se for necessário, nós daremos a seus pais dinheiro suficiente para transporte, para também acompanhar a pesquisa.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram. Quando terminarmos a pesquisa entraremos em contato para comunicar os resultados da pesquisa, que poderá ser divulgada através de publicação de artigos científicos da área e também durante apresentações em congressos científicos da área.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

==========
=======

**CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO**

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Bilinguismo aditivo: um estudo de caso de parentalidade bilíngue não nativa em uma família”

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Guarapuava, ____de _____de _____.

_____ _____

Assinatura do menor Assinatura do(a) pesquisador(a)

## 7.3 PARECER CONSUBSTANCIADO PELO CEP

## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** BILINGUISMO ADITIVO: UM ESTUDO DE CASO DE PARENTALIDADE BILINGUE NAO NATIVA EM UMA FAMILIA DE CURITIBA-PR

**Pesquisador:** ANALINE BADOTTI BATISTA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

CAAE: 39407020.4.0000.8967

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual do Centro Oeste - Campus de Irati

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.450.327

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se da segunda apreciação do projeto de pesquisa intitulado BILINGUISMO ADITIVO: UM ESTUDO DE CASO DE PARENTALIDADE BILINGUE NAO NATIVA EM UMA FAMILIA DE CURITIBA-PR, de interesse e responsabilidade do(a) proponente ANALINE BADOTTI BATISTA, mestranda do Programa de Pósgraduação em Desenvolvimento Comunitário. A pesquisa tem como objetivo analisar a política linguística familiar de uma família brasileira a partir da introdução da metodologia "uma pessoa -uma língua" como estratégia de introdução ao bilinguismo aditivo não nativo português-inglês. Para tanto, a pesquisadora

realizará entrevistas semanalmente durante os meses de fevereiro a abril de 2021 com dois participantes: um pai e uma filha. Serão aplicados individualmente questionários com roteiro semiestruturado com perguntas abertas para que os mesmos respondam via aplicativo do Whatsapp. A posteriori as categorias serão definidas bem como compartilhados com a família com o intuito de contribuir para a progressiva melhora da qualidade da Política Linguística Familiar.

**Objetivo da Pesquisa:**

A pesquisadora apresenta os seguintes objetivos:

"Objetivo Primário: Analisar a política linguística familiar de uma família brasileira a partir da introdução da metodologia "um pai-uma língua" como estratégia de introdução ao bilinguismo aditivo não nativo português-inglês.

Objetivos secundários: Oferecer suporte técnico através de contato frequente com a família; Acompanhar o desenvolvimento da segunda língua português-inglês em crianças através da parentalidade bilíngue não nativa".

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisadora informa sobre riscos mínimos de "desconforto como, por exemplo, ansiedade "leve" e "o tomar o tempo ao responder as perguntas referentes a prática bilíngue em casa e também e invadir a privacidade familiar". Porém, a pesquisadora minimizará os riscos ao "entrar em contato apenas nos horários disponibilizados e ficar atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto". A pesquisadora prestará assistência integral, imediata e gratuita por meio de tratamento, orientação, encaminhamento, caso o

participante se sentir prejudicado por causa da pesquisa, ou sofrer algum dano decorrente da mesma. Em relação aos benefícios, a pesquisadora diz que "a família participante da pesquisa receberá sugestões e orientações baseadas em estudos científicos de como melhorar a prática bilíngue em casa, além de receber materiais redigidos pela pesquisadora e também de conteúdos educativos que exploram a experiências de outros sujeitos com o mesmo objetivo". A pesquisa também contribuirá para "o conhecimento aprofundado e científico a respeito das práticas linguísticas de famílias bilíngues contendo a experiência real de sujeitos interessados pelo tema".

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A presente pesquisa apresenta a descrição de métodos para atingir aos objetivos propostos. O objetivo da pesquisa é analisar a política linguística familiar de uma família brasileira a partir da introdução da metodologia "um pai -uma língua" como estratégia de introdução ao bilinguismo aditivo não nativo português -inglês. Para tanto, a pesquisadora realizará entrevistas com dois participantes: um pai e uma filha de uma família de Curitiba. As entrevistas terão questões norteadoras e serão aplicados individualmente, via aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones, solicitando impressões e observações percebidas durante a semana, com exemplos". Desta forma, fica claro que as entrevistas serão realizadas somente a distancia devido ao isolamento social. A metodologia para análise de dados foi descrita como: metodologia qualitativa, "já que nesta perspectiva, através de estudos o pesquisador obtém dados detalhados a respeito daquilo que se quer investigar".

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Para esta segunda apreciação foram encartados os seguintes termos:

1) TCLE ( termo de consentimento livre e esclarecido);

1.1) TALE (Termo de Assentimento para menores de idade ou incapazes);

2) Projeto de pesquisa completo (anexado pelo pesquisador);

3) Instrumento para coleta dos dados: apresenta o questionário/roteiro da entrevista;

4) Cronograma do projeto completo e da Plataforma (completos e atualizados). A vigência da pesquisa é de outubro de 2020 a setembro de 2021, sendo a coleta de dados de fevereiro a abril de 2021.

**Recomendações:**

(1)- Ressalta-se que é de responsabilidade do pesquisador "manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa."

(2)- O TCLE, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, deve ser emitido em duas vias de igual teor. Todas as vias devem ser assinadas pelo pesquisador responsável e pelo participante. Uma via deverá ser entregue ao participante e a outra fará parte dos documentos do projeto, a serem mantidos sob a guarda do pesquisador.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A presente pesquisa está em conformidade com a Resolução 510/2016. Este CEP considera que todos os esclarecimentos necessários foram devidamente prestados, bem como as pendências listadas no parecer anterior foram adequadas, estando este projeto de pesquisa apto a ser realizado, devendo-se observar as informações presentes no item "Recomendações".

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|---|---|---|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1638870.pdf | 17/11/2020 21:51:14 | | Aceito |
| Outros | Roteiro_semiestruturado_semanal. | 17/11/2020 | ANALINE BADOTTI | Aceito |

**Endereço:** PR 153 Km 07 - Prédio principal, 2º piso, sala 219
**Bairro:** Riozinho **CEP:** 84.500-000
**UF:** PR **Município:** IRATI
**Telefone:** (42)3421-3051 **E-mail:** comepirati@unicentro.br

Continuação do Parecer: 4.450.327

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Outros | docx | 21:47:37 | BATISTA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | projeto_de_pesquisa.docx | 17/11/2020 21:42:48 | ANALINE BADOTTI BATISTA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TALE.doc | 17/11/2020 21:42:17 | ANALINE BADOTTI BATISTA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.doc | 17/11/2020 21:41:33 | ANALINE BADOTTI BATISTA | Aceito |
| Outros | check_list_documental.docx | 15/10/2020 18:17:36 | ANALINE BADOTTI BATISTA | Aceito |
| Outros | Questionario_entrevista_filha.docx | 15/10/2020 17:49:21 | ANALINE BADOTTI BATISTA | Aceito |
| Outros | Questionario_entrevista_pai.docx | 15/10/2020 17:48:45 | ANALINE BADOTTI BATISTA | Aceito |
| Orçamento | Orcamento.docx | 15/10/2020 17:41:20 | ANALINE BADOTTI BATISTA | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_Rosto_assinada.pdf | 15/10/2020 17:30:10 | ANALINE BADOTTI BATISTA | Aceito |

**Situação do Parecer:**
Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**
Não

IRATI, 09 de Dezembro de 2020

**Assinado por:**
**Cristiana Magni**
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** PR 153 Km 07 - Prédio principal, 2º piso, sala 219
**Bairro:** Riozinho **CEP:** 84.500-000
**UF:** PR **Município:** IRATI
**Telefone:** (42)3421-3051 **E-mail:** comepirati@unicentro.br

## 7.3 QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Questionário de entrevista semiestruturado a ser utilizado como apoio durante as conversas semanais com a família:

1) Como passaram a semana?
2) Fizeram alguma atividade diferente em que utilizaram apenas a segunda língua?
3) Como foi para você?
4) Como você acha que foi para o seu pai/seu filho?
5) Esta mesma atividade já foi executada em Português anteriormente?
6) Percebeu alguma diferença?
7) Percebeu algum desconforto?

## 7.4 QUESTIONÁRIO DE APOIO 1

Questionário com perguntas abertas para utilizar como apoio durante a entrevista com o pai.

1) Incialmente gostaria de saber mais sobre a sua experiência com o inglês. Quanto tempo faz que fala inglês fluentemente, os motivos que te levaram a aprender inglês.

2) Gostaria de saber quanto tempo mais ou menos você passa conversando em inglês com ela?

3) Gostaria de saber quais foram as motivações, o que levou vocês a falar uma segunda língua com sua filha?

4) Qual foi o teu objetivo quando você escolheu que ia ensinar uma segunda língua em casa para sua filha?

5) O que mais motiva vocês continuarem com esta experiência bilíngue? Pode contar um pouquinho?

6) Você já ouviu falar sobre o método um pai-uma língua? O que você já sabe?

7) Você pode exemplificar como era a comunicação de vocês de vocês no cotidiano?

8) Consegue perceber as principais diferenças que teve do início da experiência para como está atualmente?

9) Quando precisam resolver conflitos, qual idioma vocês usam? Se utilizam o inglês, é eficaz?

10) Consegue perceber as principais diferenças que teve do início da experiência para como está atualmente?

## 7.5 QUESTIONÁRIO DE APOIO 2

Questionário com perguntas abertas para utilizar como apoio para a entrevista com a filha:

1) O que você acha de conversar em inglês com seu pai?
2) Como que teu pai propôs essa pratica pra você?
3) Vocês conversam mais português ou inglês atualmente?
4) Como foi para você o início dessa experiência?
5) E como é atualmente?
6) Tem algum momento do dia que vocês conversam sempre e apenas em inglês?

**Transcrições das conversas realizadas via Whats App com o Pai.**

**Entrevista 01** **03/06/2019**

**Pesquisadora:** Gostaria de saber quais foram as motivações, o que levou vocês a falar uma segunda língua com a Filha. Vocês podem me contar o que aconteceu no início quando vocês começaram essa experiência, pode ser uma dificuldade ou algo interessante que aconteceu e vocês acharam legal.

**Pai:** Não somente pela questão cultural, você saber duas, três, quatro línguas, mas também a abertura de oportunidades no futuro e você poder ter uma experiência internacional, e o próprio mercado de trabalho também. Abre oportunidades no mercado de trabalho. Eu vejo por mim, eu aprendi inglês meio tarde, eu tive que me esforçar muito porque eu já tinha perto de 20 anos de idade quando pelos cargos que eu assumia no mercado de trabalho eu via que tinha esse necessidade então era questão de sobrevivência, ou tinha inglês como segunda língua ou não ia sobreviver nos cargos que eu estava assumindo então foi muita necessidade mesmo, visto isso, nós esperamos que a Filha é que ela entre naturalmente nesse processo de mercado de trabalho já tendo uma segunda língua, no nosso caso o inglês. Então uma das dificuldades que eu tive e que eu senti no início. Que tem pessoas que são bastante falantes e com isso até facilitaria. No meu caso eu não sou uma pessoa tão falante então pra esse processo eu vejo que tem que ter muita comunicação então eu me vi obrigado a criar situações onde exigisse mais da comunicação, que nós nos comunicássemos mais juntamente para fazer esse treino em cima da língua. Esse foi o primeiro obstáculo aí, e eu tenho me superado nessa questão.

---

**Entrevista 02** **11/06/2019**

**Pesquisadora:** Bom dia, A. Como foi a semana, teve alguma estória em relação ao bilinguismo durante a semana que passou?

**Pai:** Deixa eu compartilhar uma nova vivência nossa. Semana passada minha mãe adoeceu e durante esse período eu explorei um novo vocabulário, desconhecido da que seria um vocabulário voltado a doença, hospital, pessoas

doentes, procedimentos e tudo mais. Foi interessante explorar essa parte de vocabulário, foi um ganho bacana para a Filha. Outra coisa que tenho sentido necessidade no dia-a-dia é me adaptar ao inglês coloquial, inglês do dia a dia, o inglês nativo falado por americanos ou ingleses mesmo. Gostaria que a Filha vivenciasse mais esse tipo de inglês porque o inglês que eu mais utilizo é o inglês voltado ao negócio, o inglês técnico. Então, eu tenho bastante vocabulário nisso, e volte e meia eu percebo que uso palavras mais técnicas que seriam totalmente fora de contexto dizer aquilo naquele contexto para a Filha, por isso eu tenho estado me policiando quanto a isso para falar um inglês mais compatível com ela, compatível com um inglês de nativos.

---

**Entrevista 03** **25/06/2019**

**Pai:** Durante o feriado nós fomos para a região dos campos gerais para conhecer a colônia alemã e holandesa para ver a cultura deles e minha expectativa era de ir conversando com a Filha desde a viagem, no carro, falando alguma coisa sobre o contexto histórico ou paisagem também, colocando mais vocabulário voltado a isso. Na verdade nem tudo são flores, fiquei um pouco frustrado porque parece que não houve muito interesse da parte dela, estava bem na dela, pouco participativa, ficou uma situação meio complicada. Na verdade eu não tinha ferramentas, eu não sabia como aumentar o interesse dela, uma vez que já estava desinteressada fica complicado pedir para que ela se interessasse. Na vdd eu falava que era interessante ela saber das coisas para ter conhecimento da região, para adquirir cultura. Infelizmente não consegui tirar muito interesse dela em cima disso, então a comunicação acabou sendo comprometida e eu acabei ficando frustrado.

---

**Entrevista 04**
**04/07/2019**

**Pai:** Estou entrando no mundinho da Filha (risos). Estou focando em assuntos do dia dela, como escola, trabalhos, edições no celular, etc. Também fomos ao cinema e conversamos a respeito do filme. Tem sido bem legal. Me pego muitas vezes falando em português com ela, estou com dificuldades nesse chaveamento. Simplesmente acontece, pura distração minha. Mas olha só: ela não me repreende por isso, talvez por que no fundo ela ache mais confortável falar em português mesmo.

---

**Entrevista** **05**

**09/07/2019**

**Pai:** Então, uma coisa diferente que nós iniciamos foi que nós temos uma religião, somos católicos, costumamos fazer orações antes de dormir, então combinei com a Filha para que fizéssemos essas orações em inglês, estão estamos aprendendo as orações clássicas em inglês. Tem sido bem interessante. Apesar de ser um inglês arcaico e bastante formal pelo menos traz mais experiência de pronuncia e conhecimento de palavras novas. Tem sido bem legal. Outra coisa, quando levo as meninas para a escola, quando estamos no carro, o prof orientador falou que seria interessante fazer jogos, por exemplo, procurar coisas lá fora determinada cor, então nós temos jogados jogos nesse sentido e também envolvendo minha pequena tem cinco aninhos, então estamos procurado envolve-la sem exigir muito. Tem sido muito legal e divertido, a Filha gosta bastante.

---

**Entrevista** **06**

**16/07/2019**

**Pai:** Bom, então percebo que conversamos muito em inglês quando estamos apenas nós dois, por exemplo, aquele dia no shopping. Tem assunto novo a todo momento, mas percebo que ela é mais ouvinte, com interjeições rápidas

apenas, concordando ou discordando. Quando conversamos aqui em casa, ela ousa um pouco mais, pois é relacionado a nossa rotina, e tem várias falas que ela já conhece. Ou seja, ela não tem se arriscado a tentar conversas que não conhece. Isso me dá uma impressão que o desenvolvimento não está assim tão rápido, mas o interessante é que ela compreendo bem os assuntos diferentes. Ela tem facilidade em pegar o contexto. Nos últimos dias e ainda mais uns dois pela frente não teremos muito a acrescentar hahaha. Ela tem passado férias na casa da avó, madrinha, tias. Vou aproveitar e conversar por WhatsApp em inglês. Opa, tive essa ideia agora. Gravar áudios para ela e ver como responderá. Te conto

---

**Entrevista** **07**

**04/09/2019**

**Pesquisadora:** Como estão as práticas de bilinguismo? Abraço! p.s.: neste fds vou fazer um documento pra mandar pra vocês

**Pai:** Mostrei teu áudio para a Filha. Vou fazer bem uma síntese dos últimos dias no bilinguismo e te mando. Abraços. Continuamos engajados no processo. Não houve algo assim diferente nos últimos dias, mas ao menos foi trabalhado o inglês na rotina dela. Acho que isso a tendência é fixar melhor o inglês na rotina justamente pela repetição. Abraços.

**Pesquisadora:** Boa noite! Tudo bem e por aí? Aqui tá um pouco corrido. Sempre que tiver novidades se sintam a vontade para compartilhar! Vocês estão no caminho certo! A ideia é exatamente essa, só se aprende inglês e torna-se bilíngue de fato por meio do uso e repetição da segunda língua! Estão no caminho!! Parabéns, abraços. Semana que vem mando mensagem novamente e gostaria de saber se tem algum endereço de e-mail para que eu possa enviar algumas dicas daquilo que estou lendo. Abraço.

---

**Pai:** Bom dia! Bem interessante seus pontos sobre o bilinguismo, muito mesmo. Obrigado! Recebi pelo e-mail também. Estou achando a Filha cada vez mais empolgada.

---

**Entrevista 07**

**21/09/2019**

**Pesquisadora:** Boa tarde A.! Como estão? Como foram estes últimos dias de experiência com o biliguismo?

**Pai:** Olá! Tudo bem conosco, obrigado. E como você está? Eu percebo que cada vez mais a Filha arrisca a dizer ou responder alguma coisa em inglês, mesmo que errando. No geral era sempre eu que falava e ela me respondia quase tudo em português. Ao menos é um bom indicativo de que a compreensão dela tem sido boa. Mas agora ela tem se arriscado mais em falar. Precisamos retomar em ver filmes com fala e legenda em inglês. Tenho que me policiar mais também, porque quando me dou conta está todo mundo falando em português. Um abraço e obrigado pelo acompanhamento.

**Pesquisadora:** Tudo bem aqui também. Neste final de semana planejo enviar mais algumas dicas!! Obrigada pela confiança e compartilhar a vivência de vocês! Um abraço

Alguns dias atrás você comentou sobre o vocabulário a Filha, então vou passar algumas orientações: A questão do vocabulário depende de conversar com ela porque isso consequentemente vai aumentar o vocabulário. Se ela tiver mais input com assuntos que ela goste e que lhe interessam, é provável que aumente mais rápido. Incentivar assistir vídeos no Youtube, desenhos, filmes ela vai ser exposta a fala, assim ela terá mais vocabulário e sustentação para montar melhor as frases. Vocês estão de parabéns pela dedicação e o que vocês estão fazendo está excelente. Só o fato de estarem praticando há

poucos meses e já conseguirem se entender e conversar em inglês é algo incrível. Parabéns!!

**Pai:** Boa noite! Estamos bem!! E você, tudo certinho? Muito obrigado pelas orientações, levamos com bastante seriedade. Vou procurar conversar ainda mais com ela!! Afinal, falta de tempo não pode ser desculpa, tenho que trabalhar nas prioridades e na organização da agenda. Abraços

**15/10/2019**

**Pesquisadora:** Boa tarde, A.! Como estão? Nós percebemos o empenho de vocês! Parabéns!! Como estão indo na experiência?

**Pai:** Oi, tudo bem e você? Estamos em Foz passando alguns dias, aproveitando o feriado das meninas pelo dia do professor. Obrigado. Aproveitamos que estamos em uma cidade turística, meio torre de Babel, e botando em prática nossa conversa em inglês, tipo, se sentindo estrangeiro em Foz.

**Pesquisadora:** Eu estou bem também! Que bacana que foram pra Foz! Conheceram as cataratas? Muito legal! Como você tem percebido o inglês da Filha? Ela está interagiu mais durante este passeio? Abraços

**Pai:** Oi. Isso, foi a primeira vez das meninas lá. Elas adoraram, e não tem como não adorar haha. Então, nossa expectativa seria interagir com pessoas no hotel falando inglês e tal. Mas olha só, estávamos sempre rodeados de grupos falando em espanhol. Então só sobrou eu para conversar em inglês rsrs. Bom, acredito que o passeio ajudou com novas palavras adicionadas ao seu vocabulário. Ela não se intimida tanto mais em ser estimulada a responder

coisas em inglês quando próxima a pessoas desconhecidas. Isso é algo de bom que tenho notado acontecer. Abraços.

**Pesquisadora:** Eu imagino que devem ter se encantado 😆 é isso mesmo, nas viagens é possível adquirir novas palavras por ser um ambiente diferente e inédito... Ótimo!!!que bom que você teve esta percepção de que a Filha está menos tímida pra se comunicar em inglês próximo de desconhecidos! Ela está ganhando cada vez mais confiança! A Filha e a irmã conversam em inglês também? Como é? Abraços e boa semana pra vocês

**Pai:**Entre elas na verdade não acontece a conversação, mas você acabou de me dar essa ideia. A irmã ainda tem muito pouco vocabulário e expressões dominadas. Obrigado. Abraços e boa semana para você também?

**Entrevista 08**
**10/11/2019**

**Pai:** Sobre a Filha, por intermédio do professor orientador, ela tem agora uns 5 contatos para trocar mensagens em inglês, áudios e textos. O próprio professor orientador, e o seu filho, e mais uns 3 estudantes. Bacana né. Acho que vai dar um resultado melhor. Até mais.

**Pesquisadora:** Boa noite, A.! Tudo bem e por aí? Que ótimo, isso é muito bom mesmo... Com o aumento da rede de comunicação em inglês ela vai se sentir cada vez mais à vontade para falar a segunda língua! Ótimo! E como tem sido com você? Vocês tem conseguido conversar em inglês também?

**Pai:** Oi, confesso que estivemos conversando pouco ultimamente. Tipo, cada um se ocupando nas suas próprias coisas que acabam sendo muitas risos, mas sei que isso não deve ser desculpa. Tenho que dedicar mais. Minha falha...

**Pesquisadora:** Entendo, mas a vida cotidiana é corrida mesmo!! Vocês são muito dedicados! Digo isso porque estão há meses exercitando o inglês em casa e isso não é uma tarefa simples.... Boa semana!!

**Pai:** Legal, estamos buscando nosso melhor, obrigado. Boa semana também.

---

**Entrevista** **09**

**21/11/2019**

**Pesquisadora:** Bom dia, A. Como estão? Como foi a última semana de experiência com o bilinguismo em casa?

**Pai:** Então, tem um ingrediente a mais na estória: Filha e seus temperamentos pré adolescentes... Colocamos umas coisas no "eixo" com ela o que por hora comprometeu um pouco o diálogo, mas já está retornando.

**Pesquisadora:** Como vocês lidam com a língua em situações de desentendimento ou conversas mais complicadas?

**Pai:** Boa tarde. Então, geralmente eu tento repreender ou orientar em inglês também, acaba sendo mais um aprendizado em situações do cotidiano.

**Pesquisadora:** Eu fiquei bastante curiosa. Você vê alguma diferença no comportamento da Filha quando você repreende ela em inglês?

**Pai:** Oi. Então, na verdade ela leva bem a sério, ouvindo e entendendo mesmo, como se fosse em Português. Leva na maior naturalidade.

Agora trocou de celular e o tempo nele tende a aumentar, até por curiosidade pelo que o novo é capaz e tal, tenho que ficar atento e controlar. Tento tudo em inglês e ela "capta" a mensagem.

**Pesquisadora:** Ah sim! Olha, que interessante!! E quando você procura repreender a Filha em inglês ela te responde em que língua? sobre o celular no começo é assim mesmo, ela deve estar muito empolgada com as novidades do celular.

---

**Entrevista 10** **01/04/2020**

**Pesquisadora:** Gostaria de saber mais sobre a sua experiência com o inglês. Quanto tempo faz que fala inglês fluentemente, os motivos que te levaram a aprender inglês.

**Pai:** Faz 30 anos que eu trabalho na mesma empresa de tecnologia da informação, desde 1989 até 2001 o meu trabalho não exigia que eu soubesse fluentemente o inglês, seria bom ter mas se não tivesse não faria muita diferença. A partir de 2001 houve uma demanda grande, precisei aprender o mais rápido possível. 2003 tive minha primeira experiência internacional. Em 2004 fiquei 3 meses na Alemanha e a comunicação era em inglês. De 2005 pra cá eu tenho o inglês avançado, fluente, que eu uso no trabalho até os dias de hoje.

**Pesquisadora:** Entendi. Parabéns pelos 30 anos de empresa. Certo, então a demanda foi por questões profissionais mesmo. Pensando nisso, você poderia contar um pouquinho de onde veio a ideia de ensinar inglês para a Filha?

**Pai:** Obrigada. Sobre a Filha, até dezembro de 2018, eventualmente brincava de falar inglês com ela, mas nada sério. Não era focado para ela aprender inglês, naquele tempo ela já estava frequentando a escola de inglês, na escola regular e também na escola de idioma. Não me preocupava em promover o aprendizado pra ela. Em janeiro de 2019, estávamos na praia, fizemos amizade com o professor orientador, conversamos bastante sobre muitas coisas e depois conversamos sobre ensinar o bilinguismo em casa, ficamos bastante interessados em partir para esse projeto para eu usar meu conhecimento e usar com a Filha. Tem dado certo, apesar de não ter sido perfeito, as vezes acabamos usando a língua portuguesa. A partir do momento que conversamos com o professor orientador, ele passou a metodologia, passou a experiência

que ele tinha com os filhos dele, começamos a usar com a Filha e os primeiros resultados foram aparecendo.

**Pesquisadora:** Quantos anos a Filha tinha quando vocês começaram a brincar de falar inglês? Qual foi o teu objetivo quando você escolheu que ia ensinar a Filha utilizando métodos? A Filha ainda vai para a escola de idiomas?

**Pai:** Em 2018 ela tinha 10 anos. O objetivo principal era que ela praticasse a comunicação, o inglês falado, entender de ouvido e praticar falando, não focasse principalmente na leitura e na escrita. Ela passou o ano de 2019 sem escola de idiomas, apenas com o inglês da escola regular. Colocamos ela novamente na escola de idiomas porque estávamos temendo que ela perdesse alguma conhecimento da leitura e da escrita, nós pensamentos em recoloca-la para que as coisas andassem juntas, tanto a comunicação cotidiana mas que não perdesse essa parte de leitura e escrita.

**Pesquisadora:** Entendo a preocupação de vocês com a aprendizagem do inglês formal ensinado nas escolas de idioma. Retornando a experiência do professor orientador, você pode contar um pouquinho, o que você pensou quando ouviu falar do método um pai-uma língua?

**Pai:** Você resumiu bem, era isso mesmo, tanto o inglês formal quanto o informal. Eu achei muito legal quando ele passou essa metodologia, o próprio professor e os filhos eram o resultado do que eles praticavam, e eu pensei “aah eu quero isso pra mim também”, então pensei em pegar o exemplo e aplicar pra minha família também.

**Pesquisadora:** Entendi. O que você pensou quando viu que teria que falar apenas em inglês com a Filha?

**Pai:** Isso é até engraçado, porque aqui em casa isso acontece em ondas, tem momentos que a gente tenta forçar a barra mesmo. Quando ela vem falar alguma palavra em português pra mim eu ignoro, nem olho pra ela mas tudo na brincadeira também. Então a gente tenta falar em inglês, nos policiamos, de repente passa tudo aquilo e quando vemos estamos falando em português, mas ai quando percebemos brincamos "olha o foco, olha o foco" e ela me responde "verdade, pai", daí voltamos na linha e tentamos falar inglês somente. Eu vejo que talvez o professor lida melhor com isso, talvez precisamos nos regrar um pouco mais e realmente esquecer do outro idioma para com a Filha, tentar ver onde estamos falhando na metodologia.

**Pesquisadora:** Eu acho que é complicado mesmo de início conseguirmos falar apenas o nosso segundo idioma com o nosso filho que está sempre conosco e que passamos boa parte da vida conversando com a nossa primeira língua. Eu acredito que vocês tiveram um avanço significativo no ano passado, nós sabemos que não é fácil persistir na experiência bilíngue porque de início não é habitual, mas vocês estão no caminho, vocês estão indo superbem. Em outro momento, você havia falado sobre a perfeição, e é isso mesmo. Fica mais difícil ainda quando nos impomos o nível da perfeição. O esforço que vocês tem feito para tentar, para manter o foco pode oferecer mais frutos do que a obrigação de ser perfeito. É normal acontecer de encontrar vários obstáculos que vamos ultrapassando a medida do possível. Como foi dentro de casa, a sua esposa apoiou a escolha de falar apenas uma língua? A sua esposa só fala português com a Filha? Queria saber se vocês passaram dificuldades em relação a julgamentos de outras pessoas em relação a escolha de vocês de falar apenas inglês com a Filha? Tanto dos familiares quanto de pessoas de fora.

**Pai:** Minha esposa apoiou completamente a experiência, tanto é que quando ela percebe que estamos esquecendo de falar em inglês, ela tende a nos colocar na linha novamente. O meu maior medo durante a fase inicial e talvez

isso explique a mudança de inglês para o português, é a sensação de não estar expressando todo sentimento ou emoção de maneira completa ao estar usando inglês ao invés do português. Não houve nenhum comentário negativo, nem de familiares nem de pessoas próximas. Basicamente, fora do círculo familiar, comentamos mais com os colegas de trabalho, e pareceu que a receptividade foi bastante lega, e ficaram até impressionados.

**Pesquisadora:** Esse receio que você comentou, é muito comum entre os pais que utilizam o método um pai – uma língua, não aprendemos de cara a expressar nossos sentimentos em outra língua como sabemos fazer em português. O que sabemos sugestões em relação a esse receio, é que os pais podem procurar aprender expressões que mais se aproximem daquilo que ele quer transmitir Como que a Filha reage às mudanças de idioma. O que mais motiva vocês continuarem com esta experiência bilíngue? Pode contar um pouquinho?

**Pai:** O que motiva é o fato de saber outro idioma, e no caso saber o infles, não é um modismo, não é algo de momento, sempre vai ser importante, daqui um ou dois anos. Isso sempre vai ser necessário, e nós precisamos trabalhar muito nisso, e conquistar aquilo que almejamos. Depois que conheci *um pai- uma língua* só utilizamos esse método, li alguns materiais que você e o professor orientador me passaram, mas não me ative a nenhum outro método.

**Pesquisadora:** Você pode exemplificar como era a comunicação de vocês antes de iniciarem com o método um *pai-uma língua*?

**Pai:** Acho que era basicamente assim, como eu levava e buscava a Filha na escola de idiomas, eu sempre perguntava o que ela tinha aprendido naquele dia, que assuntos haviam abordado na aula de inglês, tentava puxar alguma história, tentava forçar um pouquinho a mais, mas sem nenhuma cobrança

severa, era mais para participar do processo dela, com perguntas em inglês e tentando entrar no assunto que ela tinha visto no dia.

**Pesquisadora:** Quando você tentava entrar no assunto que ela tinha aprendido no dia, ela te dava abertura. Como era?

**Pai:** Neste sentido a Filha, sempre agiu bem tranquilamente mesmo.

**Pesquisadora:** Consegue perceber as principais diferenças que teve do início da experiência para como está atualmente?

**Pai:** Este era um ponto, que era e tem sido negativo porque na escola de idiomas, o foco é escrita e leitura, não conseguíamos trocar ideias, era apenas troca de algumas palavras e expressões, nada complexo. O que eu vi que progrediu bastante, é que ela entende muito bem o que eu falo pra ela, o que tem sido um pouco lento é ela responder, ela se expressa um pouco mais em inglês, mas ela ainda entende mais do que ela fala.

**Pesquisadora:** Pelo o que está disponível na literatura, as crianças estão procurando adquirir mais palavras para o vocabulário deles, então é natural que no início eles entendam mais do que eles falam. Então, é esperado que eles ouçam e compreendam mais do que se expressem. Vocês já realizaram alguma viagem para o exterior porque está é uma boa oportunidade para a criança exercitar aquilo que ela já aprendeu observando as pessoas que estão próximas dela e que usam este idioma. Ela vai conseguir visualizar no que os esforços que ela se empenha para executar, podem resultar, que é a compreensão daquilo que está sendo dito pela maioria das pessoas que está convivendo naquele momento da viagem.

**Pai:** Uma viagem internacional estava nos planos mas agora, em função do momento vamos deixar um pouco mais pra frente.

**Pesquisadora:** Em outro momento, você comentou que tentam resolver conflitos em inglês. Como você enxerga esta resolução, é eficaz?

**Pai:** Então, a primeira vez que fui dar uma bronca que fui chamar atenção em inglês, eu olhei sério, ela olhou sério e a mensagem foi captada, foi legal e foi eficaz, assim como se fosse falar em inglês.

**Pesquisadora:** Que bacana, significa que ela compreendeu bem aquilo que você estava querendo dizer. Você pode me dar um pouco mais de detalhes sobre a reação dela?

**Pai:** Repetidas vezes, a bronca foi em relação ao uso frequente do celular, estamos passando regras pra variar, para brincar lá fora, para brincar com a irmã, para inventar outras coisas, para jogar alguma coisa, fazer alguma atividade diferente, algum joguinho para sair do mundo do smartphone. Ela captou a mensagem como se tivesse ouvido em inglês, tentou se justificar como se estivesse falando em português. Foi até engraçado, porque ela tentou se justificar em inglês e dizia *"How do I said?",* foi até engraçado mas tentou.

**Pesquisadora:** Em alguns estudos, dizem que a educação bilíngue é igual a educação monolíngue, o que você pensa sobre isso?

**Pai:** Até agora eu não percebi nenhuma diferença, talvez um ano a mais nesse processo a gente consiga perceber alguma diferença, eu não tenho conseguido discernir isso.

**Pesquisadora:** Recentemente você fez uma viagem, durante os dias da viagem vocês continuavam conversando, trocavam mensagens? Como foi?

**Pai:** Isso, recentemente fiz uma viagem. Lá fora minha comunicação com as meninas era por WhatsApp vídeo e geralmente estavam as 3 juntas, então praticamente nos desligamos do processo, exceto uma ou outra mensagem que eu escrevia diretamente para ela perguntando alguma coisa, porque ela queria que eu comprasse algumas coisas que ela queria que eu comprasse, alguns bonequinhos que ela queria que eu comprasse. Então quando conversamos em particular até rolava o inglês.

**Pesquisadora:** É comum que isto aconteça quando a conversa é com todos os membros da família. É comum que ocorra no idioma que todos são capazes de compreender bem. Você conhece, ai em Curitiba, pais que utilizam também este método de um pai-uma língua. Você acha que seria benéfico conhecer pais próximos que fazem o uso deste mesmo método?

**Pai:** Eu conheci pelo menos 3 famílias, pelo menos 7 ou 8 anos atrás, eram famílias de descendência alemã. Eles falavam em Português na família e em alemão com os filhos.

**Pesquisadora:** Eu vou procurar saber se tem mais pais que utilizam o método um pai-uma língua, porque poderia ser interessante conhecer pessoas que estão passando as vezes pelas mesmas dificuldades que nós, assim um auxilia o outro, e troca experiências. Eu gostaria de saber quanto tempo mais ou menos você passa com a Filha conversando em inglês com ela?

**Pai:** A média era de 20 minutos, em dias de semana, com trabalho e estudo. Essa média pode se alterar até em função da quarentena. Pensamos até em dobrar essa média. Eu que agradeço o suporte de vocês, seu e do professor

orientador, são dicas muito importantes para nos auxiliar a colocar em prática o método.

---

**Entrevista** **11**

**25/09/2020**

**Pesquisadora:** Para que eu possa compreender ainda sobre a experiência de vocês, tenho algumas dúvidas sobre o seu processo de aprender a segunda língua. Seus pais assim como você, viam como importante o aprendizado de uma segunda língua?

**Pai:** Apesar de o meu pai ter lecionado Inglês em colégios, além do Português, ele apenas tocava no assunto da importância de aprender idiomas, mas sem muita insistência. E nós, como crianças, não perdíamos a oportunidade de ocupar o tempo só brincando sempre que podíamos. A minha avó paterna era fluente em Polonês, e sempre tentava nos "pegar" para ensinar com uma velha cartilha que ela possuía dos tempos de Polônia, mas infelizmente (para ela, e, agora para nós), sem êxito.

**Pesquisadora:** Você me contou que precisou aprender inglês por conta do trabalho. Neste determinado momento, você buscou fazer cursinho de inglês? Utilizou algum outro método para aprender?

**Pai:** Sim, busquei aprendizados em cursos intensivos para acelerar o processo dada a urgência que o trabalho me impunha. Porém, o que percebi, foi que minha determinação pessoal em buscar material alternativo (livros, revistas, filmes, etc.) para aprimorar, contou muito mais. O dia a dia do trabalho com a prática (emails, áudio-vídeo chamadas, reuniões, elaboração de documentos em inglês) fez ainda mais a diferença.

**Pesquisadora:** Como acha que a necessidade de aprender inglês para a sua atuação profissional influenciou na decisão de adotar o bilinguismo em casa?

**Pai:** Influenciou no sentido de que “senti na própria pele” que hora ou outra o mercado iria te cobrar essa necessidade e quis passar isso pra elas. Também para que o idioma fosse praticado de uma forma mais natural, e não meio que “robotizado”. Lá em 2018 quando começou a falar em inglês com a Gabriela, como era pra você mudar do português para o inglês? Hoje em dia, vê alguma diferença em comparação entre o início e agora? Era bem estranho e assim permaneceu por uns meses. Depois foi progredindo para algo mais natural. Hoje ainda não está 100% natural, mas estamos quase quase lá.

**Pesquisadora:** “O principal objetivo era que ela praticasse a comunicação, o inglês falado, entender de ouvido e praticar falando”. Tem algum motivo em especial para que você tenha considerado como principal objetivo a prática da comunicação em detrimento da escrita e leitura?

**Pai:** Hoje você traduz qualquer coisa no Google. E ele ainda faz leitura para você. A habilidade na comunicação falada e de entender de ouvido é um recurso que te proporciona um patamar bem mais elevado de interação com estrangeiros que falam o idioma.

**Pesquisadora:** Depois de algum tempo utilizando o método OPOL, tem algo que você tenha percebido em relação a adaptação a prática? Como tem sido?

**Pai:** Sim, busca de palavras/frases ainda desconhecidas (para ambos os lados) que traduzissem melhor alguma especificidade do assunto tratado.

**Pesquisadora:** “O meu maior medo durante a fase inicial e talvez isso explique a mudança de inglês para o português, é a sensação de não estar expressando todo sentimento ou emoção de maneira completa ao estar usando o inglês ao invés do português.” Esse medo ainda é presente? Como você lida ou lidou com ele?

**Pai:** Esse medo não desapareceu totalmente... Parece que ainda não consegui ignorar o som produzido pelo Português ao expressar sentimentos, talvez esteja vivo como a forma como ouvi desde pequeno e quero retransmitir.

**Pesquisadora:** Como as pessoas próximas tem visto a experiência bilíngue de vocês?

**Pai:** Ficamos nesses 18 meses bem sozinhos, com pouco contato com outras que não os mais próximos da família; quase todos de casa encaram isso com certa naturalidade. Agora com a retomada das coisas pós-imunização teremos que retomar esse desafio de praticar próximo a pessoas “diferentes”.

**Pesquisadora:** Como tem sido o diálogo entre vocês quando a família toda está reunida?

**Pai:** Costumamos não falar em outro idioma quando há interação da família reunida. Talvez justamente para preservar esse envolvimento dos demais.

**Pesquisadora**: Ela tem frequentado a escola de idioma? Você ainda puxa conversa com ela, como quando você buscava ela na escola de idiomas? Como tem sido?

**Pai:**: Ela interrompeu a escola de idioma em meados do ano passado. Mas tenho perguntado a ela, embora não frequentemente, sobre o aprendizado curricular do Inglês no ensino fundamental.

**Pesquisadora:** O que você acha que faz com que a Gabriela consiga agir tranquilamente quando você pergunta algo pra ela, no sentido de ela não se sentir pressionada ou algo nesse sentido?

**Pai:** Estamos bem tranquilos em relação a isso. Acho inclusive que estamos chegando a um ponto de inflexão, onde talvez ela espere mais de mim para estimulá-la no inglês.

**Pesquisadora:** Como tem sido as tentativas de resolução de conflitos utilizando a segunda língua? Ela tem se justificado em inglês ou português?

**Pai:** Meio a meio eu diria.

**Pesquisadora:** Quando precisam conversar pelas redes sociais, que língua tem utilizado?

**Pai:** Conversávamos pouco por redes sociais e agora menos ainda porque ficamos juntos em casa quase sempre. Essas poucas vezes têm sido em Português.

**Pesquisadora:** Qual foi o momento mais difícil até agora? Teve alguma dificuldade que precisou enfrentar? Pensou em desistir?

**Pai:** A dificuldade maior ainda é conversar próximo de outras pessoas reunidas que também conhecem o idioma, e que não tem interesse em se juntar. Desistir não.

**Pesquisadora:** Teve algum momento em que você sentiu uma emoção mais forte, ficou feliz por algum diálogo que vocês tiveram? Algo que marcou?

**Pai:** Nada específico que se destacasse. Mas cada vez que assistimos a filmes com áudio e legendas em inglês nos marca bastante, e fazemos alguns comentários em inglês na sequência.

**Pesquisadora**: A Gabriela já misturou as línguas em uma mesma frase? Como foi?

**Pai:** Faz frequentemente isso, já que está adquirindo vocabulário. Mas tratamos isso naturalmente ao que eu sugiro a forma de falar isso ou aquilo em inglês.

**Pesquisadora**: Na sua prática, você vê alguma diferença entre a aquisição do português e a aquisição da segunda língua da Gabriela?

**Pai:** Nessa questão o Português tem saído muito na frente, pois a Gabriela "devora" livros, adora ler. E os livros são em Português.

**Pesquisadora:** Se você não compreende o que a Gabi fala o que você faz?

**Pai:** Eu repito pra ela como eu entendi o que ela disse, e geralmente ela concorda ou discorda utilizando parte da minha fala para melhor elaborar a sua. Mas nunca a pressiono por isso.

**Pesquisadora**: Teve algum momento que você se sentiu incapaz?

**Pai:** Em vários momentos, principalmente quando cobro de mim mesmo por não me comunicar mais oralmente. Eu não sou exatamente uma pessoa muito falante, mesmo em Português, e isso joga contra esse processo. Eu me dou conta disso, e isso me aborrece.

**Pesquisadora:** Ela já se comunicou em inglês com outra pessoa na sua presença? Como foi?

**Pai:** Com uma prima, mas raras vezes. Comunicação curta, digo, perguntas e respostas diretas, mas bem feitinhas.

**Transcrições das entrevistas com Filha.**

**Entrevista 01**
**20/07/2020**

**Pesquisadora:** Eu estou no mestrado e estudo famílias que adotam a pratica bilíngue em casa. O que você acha de conversar em inglês com seu pai?

**Filha:** Eu sempre quis aprender inglês principalmente porque serve pra trabalhar, pra viajar, Então como eu converso com meu pai eu acho muito legal e ele sempre me ajuda.

**Pesquisadora** Que bacana que você pode praticar a aprender com seu pai. Como que teu pai propôs essa pratica pra você?

**Filha:** quando ele falou eu topei na hora, eu amei a ideia.

**Pesquisadora** o que ele falou nessa ocasião?

**Filha:** Não lembro.

**Pesquisadora** Vocês conversam mais português ou inglês atualmente?

**Filha:** A gente não conversa 100% do tempo em inglês, falamos em português também mas sempre buscando falar em inglês.

**Pesquisadora** Você falou que quando ficou sabendo da ideia você achou bem legal. Como foi o início dessa experiência?

**Filha:** quando ele começou a falar em inglês comigo, eu já tinha feito algumas aulas para aprender algumas palavras, mas não do jeito que a gente estava conversando. No início achei diferente, muitas coisas que ele falava eu não entendia, mas com o tempo ele foi me falando o que eram as palavras e foi melhorando muito.

**Pesquisadora** Tem algum momento do dia que vocês conversam sempre em inglês?

**Filha:** Normalmente conversamos bastante em inglês na hora do café, daí a gente vai assistir algum filme e vamos praticando assim, sabe?

**Pesquisadora** Você se lembra de alguma expressão que vocês utilizavam lá no início da pratica mas que você não sabia no começo, e hoje em dia você conhece o significado?

**Filha:** eu lembro que ele falava assim Dona Jandira *come tomorrow for house keppen*, ele falava isso toda segunda feira mas eu não entendia o que ele queria dizer com a dona Jandira. Ai isso ficou marcado pra mim, ele falava isso ainda toda segunda-feira e hoje em dia eu sei o que ele quer dizer. Estávamos conversando bastante na semana passada pra assistir filmes. Convidei ele pra assistir, na primeira vez colocamos o áudio em inglês e a legenda em inglês. Depois vamos colocar o áudio em inglês e as legendas também e depois só com o áudio em inglês.

**Pesquisadora** O que vê acha que tem de diferente em aprender inglês em casa com seu pai e aprender inglês na escola de idiomas?

**Filha:** Na escola aprendemos as coisas separadamente, por partes sobre determinados assuntos e quando eu converso com meu pai conversamos mais sobre coisas do cotidiano.

**Pesquisadora** como é pra vocês assistirem o filme juntos.

**Filha:** eu amei, eu lembro que ano passado, eu já queria assistir com ele. Começamos a assistir o primeiro mas não terminamos de assistir, agora que começamos pra valer e queremos terminar esse ano. Hoje em dia eu não consigo mais assistir filmes em português, porque eu aprendo mais palavras e dublado eu não gosto.

**Filha:** Eu e meu pai estávamos treinando as orações em inglês, aprendemos o santo anjo daí. Na escola que eu estudo, eles passaram as orações no som e eu já entendia tudo e já sabia o que eles iam falar porque eu fiquei treinando.

**Pesquisadora** Legal que vocês procuram aprender as orações em inglês também; Tem algum outro exemplo de algo que vocês antes só falavam em português e que agora você praticam em inglês também?

**Filha:** Nós fazemos sempre o mesmo dialogo na hora de dormir e quando nos acordamos também.

**Pesquisadora** Como você se sente ao conversar com seu pai. Se sente mais confortável do que na escola?

**Filha:** Eu não me sinto desconfortável em falar com meu pai porque eu sei que se eu errar meu pai está aqui pra me ajudar. E na escola de idiomas também me sinto confortável de tirar dúvidas com a professora.

**Pesquisadora** Escutam músicas em inglês também, fazem leitura de livros em inglês?

**Filha:** Eu gosto muito de música em inglês, eu gosto de português mas ao mesmo não escuto muito. Sobre livros, eu não tenho costume de ler livros, apenas gibis.

**Pesquisadora** No começo foi estranho utilizar essas expressões antes de dormir, em inglês sendo que antes era só em português?

**Filha:** Eu lembrei de mais uma coisa, antes ele sempre contava histórias em português pra mim e depois ele começou a contar em inglês. E não são histórias lidas, são mais sobre a infância dele e umas coisas bem legais sobre meus bisavós e tataravós.

**Entrevista 02** **13/09/2020**

**Pesquisadora:** De onde veio essa vontade de desde sempre querer aprender inglês?

**Filha::** Além de assistir séries e filmes sempre em inglês querendo conseguir ver sem a legenda, penso no futuro também, em questão de trabalhos.

**Pesquisadora**: Você se imagina usando o inglês quando for adulta? Em que situações?

**Filha:**: Muitas, em viagens e trabalho

**Pesquisadora:** Atualmente você tem usado o inglês com outras pessoas (além do seu pai)?

**Filha:**: Infelizmente não.

**Pesquisadora**: O que você fazia quando não entendia?

**Filha:** Perguntava o que significava, ou tentava ver o contexto

**Pesquisadora:** Vocês estavam assistindo Harry Potter ano passado, costumam assistir filmes ainda? Só vocês dois ou com a mãe e irmã também?

**Filha:** Sim!! Só eu e ele, estamos assistindo todos os filmes da Agatha Christie no momento em inglês.

**Pesquisadora**: Qual é a diferença de fazer as orações em inglês que anteriormente você fazia em português?

**Filha:** É bem diferente, mas acho bem legal.

**Pesquisadora:** Qual a diferença entre o ambiente formal e o ambiente familiar na aprendizagem do inglês?

**Filha:** Muitas, as gírias que normalmente usamos não tem.

**Pesquisadora:** Teve a experiência de conversar em inglês com outra pessoa além de seu pai? Como foi?

**Filha:** Infelizmente não tenho, mas de vez em quando na escola, montamos grupos para fazer certos trabalhos e eu converso, porém muitas vezes não tem conversa fluida pois muitas pessoas não sabem também.

**Informações sobre Bilinguismo enviadas pela pesquisadora ao Pai via e-mail.**

É muito importante para a criança que ela tenha oportunidades de exposição à segunda língua, com jogos, filmes, conversas informais com os pais, séries e livros, por exemplo.

Uma curiosidade é que bebês tem a capacidade de reconhecer a língua desde a gestação. Pais que tem o interesse em propiciar aos seus filhos duas línguas, é interessante conversar com o bebê utilizando a segunda língua desde que está na barriga da mãe.

Para que uma criança sinta-se confortável para falar outra língua, que não a falada pela maioria das pessoas que ela conhece, os pais precisam oferecer conforto e incentivo a suas crianças. Desta maneira, dificilmente a criança oferecerá resistência ao aprender outra língua, pois assim, ela não se sentirá estranha, incapaz, ou desajustada por falar em outra língua.

Geralmente bilíngues escolhem um assunto para falar em outra língua. Pode ser que isso esteja ligado ao fato de que cada assunto esteja associado a um idioma particular, ou o interlocutor esteja associado a outra língua.

As crianças expostas a duas ou mais línguas compreendem muito mais do que conseguem verbalizar, no início do desenvolvimento da fala. O fato é que isso também acontece no desenvolvimento de uma criança monolíngue.

É comum que as crianças por volta dos dois anos falem frases que contenham palavras dos dois idiomas dependendo da pessoa com quem estão conversando. Os pais podem colaborar para que a criança compreenda que aquela palavra não pertence ao mesmo vocabulário do restante da frase. Ao invés de falar que a palavra está errada, os pais podem dizer que não entenderam o que a criança quis dizer ou parafrasear utilizando a palavra adequada ao contexto e idioma

Uma recomendação dada por Dodson (1984) é introduzir uma brincadeira de falar frases em um idioma e logo em seguida falar a mesma frase em outro idioma. Assim a criança vai percebendo aos poucos a diferença de cada um deles.

É importante orientar a criança para que quando tiver a intenção de conversar com os pais simultaneamente, fale a língua entendida por todos.

Uma das curiosidades é que uma das línguas torna-se mais “séria” do que a outra, e acaba sendo utilizada em momentos em que a intenção é transparecer autoridade.

É comum que as crianças bilíngues escolham a primeira língua para manterem o diálogo interno. Em outros casos, durante brincadeiras utilizam a língua de acordo com o que preferem no momento.

A opção de ter uma segunda língua para conversar com alguém parece aproximar e facilitar a intimidade entre irmãos ou familiares que conversam a língua em comum.

Durante o sonho, é comum que bilíngues utilizem a língua com que vivenciaram determinada situação. Em alguns sonhos as línguas podem se misturar.